



Língua Portuguesa

Organizadores

Maria Lúcia V. de Oliveira Andrade

Neide Luzia de Rezende

Valdir Heitor Barzotto

Elaborador

Waldemar Ferreira Netto

2

módulo

Nome do Aluno _____

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador: *Geraldo Alckmin*

Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

Secretário: *Gabriel Benedito Issac Chalita*

Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP

Coordenadora: *Sônia Maria Silva*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: *Adolpho José Melfi*

Pró-Reitora de Graduação

Sônia Teresinha de Sousa Penin

Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

Adilson Avansi Abreu

FUNDAÇÃO DE APOIO À FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAFE

Presidente do Conselho Curador: *Selma Garrido Pimenta*

Diretoria Administrativa: *Anna Maria Pessoa de Carvalho*

Diretoria Financeira: *Sílvia Luzia Frateschi Trivelato*

PROGRAMA PRÓ-UNIVERSITÁRIO

Coordenadora Geral: *Eleny Mitrulis*

Vice-coordenadora Geral: *Sônia Maria Vanzella Castellar*

Coordenadora Pedagógica: *Helena Coharik Chamlian*

Coordenadores de Área

Biologia:

Paulo Takeo Sano – Lyria Mori

Física:

Maurício Pietrocola – Nobuko Ueta

Geografia:

Sônia Maria Vanzella Castellar – Elvio Rodrigues Martins

História:

Kátia Maria Abud – Raquel Glezer

Língua Inglesa:

Anna Maria Carmagnani – Walkyria Monte Mór

Língua Portuguesa:

Maria Lúcia Victório de Oliveira Andrade – Neide Luzia de Rezende – Valdir Heitor Barzotto

Matemática:

Antônio Carlos Brolezzi – Elvia Mureb Sallum – Martha S. Monteiro

Química:

Maria Eunice Ribeiro Marcondes – Marcelo Giordan

Produção Editorial

Dreampix Comunicação

Revisão, diagramação, capa e projeto gráfico: *André Jun Nishizawa, Eduardo Higa Sokei, José Muniz Jr. Mariana Pimenta Coan, Mario Guimarães Mucida e Wagner Shimabukuro*

Que Stendhal comp...
leitores, coisa é que adm...
rovavelmente consterna...
tores de Stendhal, nem...
Dez. Livro cinco. Tr...
na qual eu Brás Cubo...
um Xavier de Maistre...
ode ser. Ob...
da melanco...
o. Ad...
uro 1...
anc

Cartas ao Aluno



Carta da

Pró-Reitoria de Graduação

Caro aluno,

Com muita alegria, a Universidade de São Paulo, por meio de seus estudantes e de seus professores, participa dessa parceria com a Secretaria de Estado da Educação, oferecendo a você o que temos de melhor: conhecimento.

Conhecimento é a chave para o desenvolvimento das pessoas e das nações e freqüentar o ensino superior é a maneira mais efetiva de ampliar conhecimentos de forma sistemática e de se preparar para uma profissão.

Ingressar numa universidade de reconhecida qualidade e gratuita é o desejo de tantos jovens como você. Por isso, a USP, assim como outras universidades públicas, possui um vestibular tão concorrido. Para enfrentar tal concorrência, muitos alunos do ensino médio, inclusive os que estudam em escolas particulares de reconhecida qualidade, fazem cursinhos preparatórios, em geral de alto custo e inacessíveis à maioria dos alunos da escola pública.

O presente programa oferece a você a possibilidade de se preparar para enfrentar com melhores condições um vestibular, retomando aspectos fundamentais da programação do ensino médio. Espera-se, também, que essa revisão, orientada por objetivos educacionais, o auxilie a perceber com clareza o desenvolvimento pessoal que adquiriu ao longo da educação básica. Tomar posse da própria formação certamente lhe dará a segurança necessária para enfrentar qualquer situação de vida e de trabalho.

Enfrente com garra esse programa. Os próximos meses, até os exames em novembro, exigirão de sua parte muita disciplina e estudo diário. Os monitores e os professores da USP, em parceria com os professores de sua escola, estão se dedicando muito para ajudá-lo nessa travessia.

Em nome da comunidade USP, desejo-lhe, meu caro aluno, disposição e vigor para o presente desafio.

Sonia Teresinha de Sousa Penin.

Pró-Reitora de Graduação.

Carta da

Secretaria de Estado da Educação

Caro aluno,

Com a efetiva expansão e a crescente melhoria do ensino médio estadual, os desafios vivenciados por todos os jovens matriculados nas escolas da rede estadual de ensino, no momento de ingressar nas universidades públicas, vêm se inserindo, ao longo dos anos, num contexto aparentemente contraditório.

Se de um lado nota-se um gradual aumento no percentual dos jovens aprovados nos exames vestibulares da Fuvest — o que, indubitavelmente, comprova a qualidade dos estudos públicos oferecidos —, de outro mostra quão desiguais têm sido as condições apresentadas pelos alunos ao concluírem a última etapa da educação básica.

Diante dessa realidade, e com o objetivo de assegurar a esses alunos o patamar de formação básica necessário ao restabelecimento da igualdade de direitos demandados pela continuidade de estudos em nível superior, a Secretaria de Estado da Educação assumiu, em 2004, o compromisso de abrir, no programa denominado Pró-Universitário, 5.000 vagas para alunos matriculados na terceira série do curso regular do ensino médio. É uma proposta de trabalho que busca ampliar e diversificar as oportunidades de aprendizagem de novos conhecimentos e conteúdos de modo a instrumentalizar o aluno para uma efetiva inserção no mundo acadêmico. Tal proposta pedagógica buscará contemplar as diferentes disciplinas do currículo do ensino médio mediante material didático especialmente construído para esse fim.

O Programa não só quer encorajar você, aluno da escola pública, a participar do exame seletivo de ingresso no ensino público superior, como espera se constituir em um efetivo canal interativo entre a escola de ensino médio e a universidade. Num processo de contribuições mútuas, rico e diversificado em subsídios, essa parceria poderá, no caso da estadual paulista, contribuir para o aperfeiçoamento de seu currículo, organização e formação de docentes.

Prof. Sonia Maria Silva

Coordenadora da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas

Apresentação da área

Os módulos de *Língua Portuguesa* deste curso constituem uma forma de levar você, aluno de ensino médio, a refletir sobre a sua língua materna, oferecendo subsídios para melhoria e aprimoramento de seus conhecimentos lingüísticos.

Compusemos o material numa progressão que leva em conta, em primeiro lugar, o seu processo de amadurecimento. Assim, partindo de realidades vivencialmente próximas, o grau de abstração se intensifica dentro da cada unidade e de um módulo para outro.

Estruturamos os módulos em torno de uma posição fundamental: os tópicos gramaticais e textuais constantes do currículo do ensino médio só assumem seu significado pleno quando focalizados a partir da linguagem, entendida como faculdade inerente ao ser humano, pela qual ele interage com seus semelhantes. Por essa razão não fizemos uma separação rígida de assuntos, o que deturparia o caráter essencialmente flexível dos problemas de linguagem.

Dentro desta perspectiva, foram organizados os quatro módulos de *Língua Portuguesa* e seus respectivos conteúdos: variabilidade da linguagem e noção de norma, morfossintaxe das classes de palavras, processos de organização da frase, organização e articulação do texto, o problema da significação e os recursos de estilo.

Preocupamo-nos com que as aulas levem você a refletir criticamente sobre sua vivência lingüística e, em contato com as normas gramaticais vigentes, habilitem-no a interpretar e a produzir textos representativos das mais diversas situações interacionais.

Com o material que preparamos, você terá a oportunidade de rever os pontos mais importantes sobre a *Língua Portuguesa* e fazer atividades para avaliar seu progresso e possíveis dificuldades.

Procure ver essa fase de estudos como mais uma oportunidade de aprendizagem sobre o mundo, a sociedade em que vive e sobre você mesmo. Se você entrar nela com esse espírito, seguramente sairá dela enriquecido – não apenas de conhecimentos para ingressar na Universidade, mas também de informações e pontos de vista novos que servirão em toda a sua vida. Daí, sim, você poderá olhar o mundo com confiança. Você pode não se transformar em um cientista, mas será sem dúvida uma pessoa que tem conhecimentos e informações e é capaz de usá-los da melhor maneira possível. Afinal, vale a pena investir em você mesmo.

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade
Coordenadora de *Língua Portuguesa*

Apresentação do módulo

Este módulo está dividido em três partes: a primeira delas aborda questões a respeito das variantes do português, enfatizando a distribuição da língua portuguesa entre os cinco continentes bem como a presença e a variação do português no Brasil; a segunda aborda aspectos gráficos da língua portuguesa, tratando do uso das letras e da marcação do acento gráfico; e a terceira aborda a formação das palavras e de suas classes. Esta última parte é a mais complexa, pois trata tanto dos aspectos morfológicos das palavras, quanto da relação que as classes de palavras estabelecem entre si, mostrando como se dá a sua combinação em grupos de palavras e as características de coesão que esses agrupamentos exigem. A concordância de gênero e número entre os elementos formadores dos grupos nominais e a concordância de número e pessoa entre esses grupos e os verbos são apresentados como os mecanismos que estabelecem essa coesão sintagmática. O verbo também recebe uma atenção particular no que tange a suas variações de modo e de aspecto, incluindo-se aí as locuções verbais da língua portuguesa. Como neste módulo ainda não tratamos de frases, são abordadas apenas as chamadas palavras variáveis que compõem o sentido referencial das frases, que é o assunto de que trata cada frase. A abordagem referente às palavras invariáveis será feita no próximo módulo.

Waldemar Ferreira Netto*

* Waldemar Ferreira Netto é professor de Filologia e Língua Portuguesa da USP, autor de *Introdução à fonologia da língua portuguesa*, São Paulo, Hedra.

Unidade 1

Distinção entre variantes do português

O português no mundo

A língua portuguesa é uma das línguas mais usadas em todo o mundo. Como língua materna é a sexta em número de falantes, depois do chinês (mandarim), do espanhol, do inglês, do bengali e do hindi. Sua dispersão ocorre principalmente na região atlântica, nos países Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau; e na costa leste da África, em Moçambique. No extremo oriente, é falada no Timor Leste e na Região Administrativa Especial de Macau no Território Chinês. Essa dispersão teve início no século XVI com a expansão marítima portuguesa. Atualmente, é falada por quase 200 milhões de pessoas em todo o mundo, como língua oficial. Apesar dessa abrangência, a língua portuguesa mantém suas características básicas em todas as regiões.

Algumas poucas variações manifestam-se de uma forma mais evidente. Podem ocorrer no léxico, por exemplo:

Angola	Portugal	Brasil
rebuçado	rebuçado	bala
maximbombo	autocarro	ônibus
chuinga	pastilha elástica	chiclete
muceque	bairro de lata	favela

É o léxico, normalmente, que é mais sujeito às diferenças perceptíveis entre as variações das línguas. Suas origens denunciam as tendências de seus falantes. Entre Brasil e Portugal, as diferenças lexicais são as que melhor caracterizam essas tendências, por exemplo, no campo da informática. No Brasil, usamos os termos ingleses *mouse* e *site* (leia-se “mause” e “saite”, respectivamente) e em Portugal usam-se suas traduções literais *rato* e *sítio*; aportuguesamos a grafia e a pronúncia inglesa em *clique*, em Portugal, optou-se por uma palavra já existente no português: *premir*. Foram feitas opções diferentes para o que era *screen* em inglês: em Portugal optou-se por *ecrã*, que teve sua origem no francês *écran*, e no Brasil optamos por *tela*.

Organizadores

Maria Lúcia V. de
Oliveira Andrade

Neide Luzia de
Rezende

Valdir Heitor
Barzotto

Elaboradores

Waldemar
Ferreira Netto

Mas não é somente no léxico que as variações mais salientes se manifestam. Há também aquelas que dificultam a compreensão imediata do que ouvimos: são as variações prosódicas, que ocorrem, por exemplo, na velocidade ou no ritmo da fala, ou variações fonéticas, que ocorrem quando os sons que ouvimos são diferentes daqueles que esperávamos ouvir em determinadas palavras. Em Portugal, fala-se muito mais rapidamente do que no Brasil, tendo-se não raras vezes a nítida impressão de que as palavras não foram pronunciadas inteiras: uma palavra como *universidade*, muito facilmente será ouvida como “nibrisidad”. Também palavras como *socorro*, *solução* e *tencionar*, ouviremos “sucorro”, “sulução” e “tenciunar”. Mais estranho para os falantes brasileiros é entender que *mãe* e *além*, como na quadrinha abaixo, podem fazer uma rima.

Minha terra não é aqui

Minha terra é mais além

Minha terra é Teixeira

Onde mora minha mãe!

Há variações menos perceptíveis que, nem sempre, dificultam a compreensão entre os falantes. Por exemplo, no português falado no Brasil, usamos com muita frequência expressões como *estou falando*, *estão ouvindo*; em Portugal, isso seria dito como *estou a falar* e *estão a ouvir*. No Brasil, diríamos *ninguém protestou contra a iniciativa*; em Moçambique diriam *ninguém protestou a iniciativa*.¹ São variações que envolvem aspectos lingüísticos que não têm a mesma saliência do léxico e da fonética. No entanto atingem, na maior parte das vezes, aspectos fundamentais da estrutura das línguas. Não há como fazer prognósticos e definir que daqui a alguns séculos a língua portuguesa terá se dividido em outras tantas línguas. Podemos apenas afirmar que, atualmente, há variação no uso da língua portuguesa nos diversos países em que ela é falada, mas que ela é a mesma língua para todos.

O português no Brasil

No século XVI, quando chegaram ao Brasil, os portugueses encontraram muitas comunidades indígenas falantes de línguas muito diferentes da língua portuguesa. Na maior parte do litoral, essas comunidades falavam línguas que pertenciam à família lingüística tupi-guarani. Principalmente eram faladas as línguas tupinambá e carijó. Nos primeiros séculos da história do Brasil, o número de falantes dessas línguas indígenas nas regiões ocupadas pelos portugueses era muito maior do que o de falantes do português. Assim, a opção dos portugueses fora a de usar as línguas majoritariamente faladas nessas regiões. Também os nascidos na colônia — mamelucos, filhos de portugueses com índias — falavam a língua de suas mães.

Apesar dessa característica, no correr dos séculos, a influência portuguesa, bem como a manutenção de portugueses em posições-chave da administração, provocou a primazia do uso da língua portuguesa em praticamente todos os centros administrativos da colônia. Isso não significa que a língua portuguesa

¹Disponível em: <http://teixeira.home.sapo.pt/Quadras_Populares.html>.

tenha ficado incólume desse período de bilingüismo, nem que a presença maciça de negros-africanos com suas línguas particulares não tenha deixado marcas freqüentes na língua portuguesa. Ao contrário, o português que hoje se fala no Brasil é o resultado do português falado em Portugal, principalmente com as contribuições indígenas e africanas do período colonial.

Novamente é no léxico que a contribuição das línguas indígenas e das línguas africanas pode ser mais facilmente notada.

Palavras de origem indígena	Palavras de origem africana
coroca	cachimbo
cutucar	candango
jururu	moleque
peteca	muxoxo
pipoca	quiabo

Além da contribuição para o léxico da língua portuguesa atualmente falada no Brasil, não estão muito claras quais foram as contribuições das línguas indígenas, especialmente da família lingüística tupi-guarani, e das línguas africanas, especialmente do grupo banto e do iorubá.

As vias de entrada e de domínio dos portugueses na colônia foram as principais fontes da diversidade da língua. É de se salientar que durante todo o período colonial havia pouca comunicação entre os centros administrativos. Assim, nem sempre o que ocorria no norte, Macapá, Belém ou São Luís, era conhecido no Recife, em Salvador e, menos ainda, no Rio de Janeiro, em São Vicente ou em São Paulo. Via de regra, todas as rotas de viagem passavam por Lisboa. Mesmo a partir do século XVIII, no período do ouro, a situação não é muito diferente, quando ocorre a migração açoriana para a região sul. A diversidade regional do português no Brasil, dessa maneira, condiciona-se à história demográfica da presença portuguesa no Brasil: as falas catarinense, caipira, nordestina, gaúcha, nortista, todas elas são resultado da política da metrópole que enfatizava uma ou outra região na colônia.

Atividades

- 1) Leia o texto abaixo e responda às questões que vão a seguir.

O Padre e o menino esperto

Um padre viajava, certa vez, pelas aldeias, escarranchado numa velha besta ruça. À margem de um rio largo, encontrou um moleque brincando.

— Menino! Perguntou ele, querendo passar para o outro lado. — Esse rio é fundo?

— O gado do meu pai atravessa aí, com a água pelo peito. — respondeu o menino com uma carinha de anjo.

1 Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2002vari.pdf>>.

O padre, em vista dessa informação, tocou a besta para a água, mas o rio era de uma fundura sem fim, e a besta perdeu o pé. Ela e o padre desapareceram rio adentro, rodaram arrastados pela correnteza e somente a muito custo conseguiram se salvar. Quando o padre atingiu a margem onde estava o menino, perguntou:

— Onde você mora?

— Perto daqui.

— Quero ir lá.

Foram, mas não encontraram ninguém em casa.

— Onde está seu pai, menino?

— Papai foi plantar o que não nasce.

— E sua mãe?

— Foi trabalhar para comer ontem.

— Esperarei que eles cheguem – declarou o padre, fechando a carranca.

Os pais do menino se demoraram muito; porém, quando apareceram, lá estava o padre sentado, esperando, e aí não mais de carranca fechada e sim todo sorridente.

— Que menino esperto esse seu filho! — disse ele ao casal. — É muito inteligente. Quando eu vinha para cá, ele me disse que o gado do seu pai atravessava o rio com água pelo peito.

— É verdade — falou o pai —, nós criamos patos.

O padre disfarçou uma careta.

— Pois é – disse ele, sorrindo amarelo. — Ele disse que a senhora tinha ido trabalhar para a família comer ontem.

— Está certo — disse a mãe. — Fui fazer pães para pagar uns que tomei de empréstimo.

— Ele disse também que o senhor foi plantar o que não nasce.

— É isso mesmo — disse o pai. — Fui ao enterro de um dos meus amigos. (...)

(GUIMARÃES, Ruth (org.). *Lendas e fábulas do Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.)

Tendo em vista a diversidade no uso da língua portuguesa, identifique os problemas de comunicação que ocorreram entre o menino e o padre.

Reescreva a expressão “escarranchado numa velha besta ruça”, usando de termos próprios de sua região.

2) Leia o texto a seguir e responda a questão.

O Vestido

– Preste atenção um bocado!

Quar vistido hei de ponhá

Pra í na função que tem lá

Na praça, nhô Artú Virado?

Visto aquele verde-má

Ô este, de renda e babado?

Aquele eu já tenho usado

E este, inda tô pur usá

– Vista aquele véio, Crara

De noitem num se arrepara

Prúis, cumo diz o brocardo

Que o dianho do Zeca Açoite

Sempre arretepe – de noite

tudo os gato são leopardo

(*COSTA, Fontoura. Matutices. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.*)

O poema acima foi escrito em uma variedade do português que difere em muitos pontos da que se preconiza na norma culta. Aponte algumas dessas diferenças, caracterizando-as como variações fonéticas, morfológicas ou lexicais.

Sugestões de leitura

Há vários *sites* na Internet que tratam desse assunto e que podem ser consultados. Recomenda-se que se visite a página da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, disponível em <www.cplp.org>; a página do Instituto Camões, em <www.instituto-camoes.pt>; a página do Projeto Vercial, em <www.ipn.pt/opsis/litera/>; a página da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, em <www.bn.br>; a página da Biblioteca Nacional em Lisboa, em <www.bn.pt>. Em todos eles há grande quantidade de textos disponíveis para leitura que compreendem toda a história e toda a variação da língua portuguesa. Particularmente nos *sites* das bibliotecas Nacional e do Rio de Janeiro e de Lisboa podem-se encontrar textos originais, digitalizados, até então raríssimos, que tratam da ortografia da língua portuguesa, em todos os seus momentos.

Ainda pela Internet, o *site* Jangada Brasil, em <www.jangadabrasil.com.br>, é provavelmente um dos melhores dos que tratam das variações populares da cultura nacional. Ali se encontram muitos textos sobre os mais diversos assuntos.

Sugere-se, ainda, a leitura dos livros descritos abaixo para um aprofundamento maior do assunto que ora foi tratado.

LÍNGUA PORTUGUESA

COUTO, Jorge. *Língua Portuguesa: perspectivas para o século XXI*. Disponível no site do Instituto Camões, de Portugal: <www.instituto-camoes.pt/bases/lingua/portugues.htm>.

BEARZOTI FILHO, Paulo. *Formação lingüística do Brasil*. São Paulo: Nova Didática, 2002.

ELIA, Sílvio. *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: Ática, 1989.

Unidade 2

Norma ortográfica

O alfabeto

O alfabeto usado na escrita da língua portuguesa é formado pelas seguintes letras:

maiúsculas: **A B C D E F G H I J L M N O P Q R S T U V X Z**

minúsculas: **a b c d e f g h i j l m n o p q r s t u v x z**

A par dessas letras, ocorrem K, Y e W, que são usados apenas em nomes estrangeiros, em siglas e abreviaturas, e em algumas seqüências em que a ordem alfabética internacional é preconizada, como na placa dos automóveis. Nesse caso, a letra K ocorre entre J e L, a letra W, entre V e X, e a letra Y, entre X e Z.

Também são utilizadas algumas combinações entre letras, chamadas dígrafos:

CH, LH, NH, SS, RR

Finalmente, ainda ocorre o chamado cê-cedilha, **Ç ç**, que se caracteriza por ser a letra C com a sotoposição de outra, o z minúsculo.

As letras maiúsculas são usadas apenas em nomes próprios de pessoas, de lugares, de obras ou de instituições, em algumas siglas e abreviaturas e em início de frase. Em todos os demais casos usam-se as letras minúsculas. Quando em uma mesma palavra houver duplicidade de sentido, sendo que em um deles afigure-se o de um nome próprio, neste sentido a palavra será escrita com maiúscula. É o caso de *Igreja* e *igreja*; esta reporta-se ao prédio, aquela reporta-se à instituição como um todo. Da mesma maneira pode-se fazer uma “reforma no senado” substituindo o forro das cadeiras e trocando os tapetes, mas uma “reforma no Senado” é um trabalho de caráter político, por exemplo, alterando o número de representantes por estado.

Organizadores

Maria Lúcia V. de
Oliveira Andrade

Neide Luzia de
Rezende

Valdir Heitor
Barzotto

Elaboradores

Waldemar
Ferreira Netto

Nomes próprios

Machado de Assis	Brasil	Guernica	Igreja
Mário de Andrade	Estados Unidos	Mona Lisa	República
Pelé	Europa	Dom Casmurro	Chefe de Estado
Tonico e Tinoco	São Paulo	Os Lusíadas	Prefeito
Rita Lee	av. Paulista	Macunaíma	General
Raul Seixas	rio Tietê	A Escrava Isaura	Bispo
Kurt Cobain	Bexiga	Garota de Ipanema	Imprensa Nacional

No caso de siglas, com mais sílabas, que permitam uma leitura fluente, escreve-se apenas a primeira letra maiúscula, caso contrário, todas as letras serão maiúsculas.

Siglas

ECT: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

ONU: Organização das Nações Unidas

STF: Superior Tribunal Federal

USP: Universidade de São Paulo

Bovespa: Bolsa de Valores de São Paulo

Fapesp: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Funai: Fundação Nacional do Índio

Sebrae: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

As frases caracterizam-se pela letra maiúscula inicial e pelo ponto final. Após ponto final, ponto de interrogação ou ponto de exclamação, inicia-se uma nova frase que, obviamente, iniciará com letra maiúscula.

Frases

Uma pesquisadora, à porta de um sítiozinho perdido no interior...

— **E**ssa terra dá mandioca?

— **N**ão, senhora — responde o morador.

— **D**á batata?

— **T**ambém não!

— **D**á feijão?

— **N**unca deu!

— **A**rroz?

— **D**e jeito nenhum!

— **M**ilho?

— **N**em brincando!

— **Q**uer dizer que por aqui não adianta plantar nada?

— **A**h! **S**e plantar é diferente...

Apesar de a língua portuguesa ter passado por diversas reformas ortográficas, a grafia das palavras ainda reproduz algumas de suas características históricas. Em muitos casos, não há uma correspondência perfeita entre as letras e seus valores sonoros. Muitas letras podem ter valores múltiplos. As letras *c* e *g* antes de *e* e de *i*, por exemplo, têm os valores sonoros de *ss* e *j*, respectivamente, dessa maneira, soam semelhantemente *ge*, *gi* e *je*, *ji* — como em *gente*, *girafa* e *jerico* e *jirau* —, por um lado, e, por outro, *ce*, *ci* e *sse*, *ssi* — como em *receber*, *macio* e *sossego* e *tossir*.

Outras letras ou seqüências de letras do alfabeto podem assumir esse valor: *ç*, *ss*, *s*, *sc*, *xc*, *x* e *z*.

c	ç	ss	s
con c eder	ca ç ar	ama ss ar	cans s ar
ca c ique	co ç ar	pa ss eio	ansioso
ven c er	ran ç oso	pé ss imo	consolo
acidente	a ç ude	assoa lho	cen s ura
maci ço	a ç úcar	sussur ro	consumo
sc	xc	x	z
con sc iente	ex xc elente	má x ima	pa z
acr esc imo	ex xc eto	pró x imo	refe z
cre sc er	ex cc essivo	auxí l io	arro z
nas cc er	ex cc itar	sintax e	velo z
des cc ida	ex cc essão	text o	luz

Como se verá, o uso das letras do alfabeto está condicionado à origem das palavras, sendo portanto necessário conhecê-la. Entretanto, algumas regularidades podem ser verificadas.

1) Nem *ç*, nem *ss*, nem *rr* ocorrem em começo de palavra.

2) A letra *s* em começo de palavra e depois de consoante tem o mesmo valor sonoro do *ss*: *soar*, *servir*, *sossegar*, *cansar*, *conversar*, *valsa*, *pulso*, *curso*, *amassar*, *assinar*, *dissertar*, *emissora* etc.

3) A letra *r* em começo de palavra e depois de consoante tem o mesmo valor sonoro do *rr*: *roer*, *rua*, *raiva*, *risada*, *honra*, *melro*, *corrida*, *errar*, *horror*, *arrumar* etc.

4) A letra *s* e a letra *z* só têm valores sonoros diferentes em começo de palavra: *atrás*, *faz*, *rapaz*, *apraz*, *inglês*, *vocês*, *barris*, *diretriz*, *aprendiz*, *freguês*, *acidez*, *avidez*, *pauzinhos*, *papeizinhos*, *cacauzeiro*, *reizete*, *pausar*, *paisana*, *causa*, *coisa*, *coisinha*, *zebra*, *sapo*, *azedo*, *mesa* etc.; *zabumba*, *zebra*, *zinco*, *zôo*, *zurzir*, *sapo*, *sebe*, *silo*, *solo*, *suave* etc.

5) Antes de *e* e de *i*, as letras *c* e *g* têm valores sonoros semelhantes aos do *ç* e do *j*: *jeito*, *jirau*, *nojento*, *gente*, *girafa*, *magenta*, *acerto*, *acinte*, *caçar*, *açouque*, *açúcar* etc.

6) A letra *q* sempre vem seguida da letra *u*: **quiabo**, **quente**, **quase**, **quoci-ente** etc. Antes de *a* e de *o*, o *u* tem valor sonoro, mas não tem antes de *e* e de *i*; para que a letra *u* tenha valor sonoro antes de *e* e de *i*, o trema é necessário: **freqüente**, **cinqüenta**, **tranqüilo** etc.

7) A letra *g* quando precede *ue* ou *ui* tem o mesmo valor sonoro de quando precede *a*, *o* e *u*: **guerra**, **fogueira**, **águia**, **preguiça** etc.; também nesse caso, para que a letra *u* tenha valor sonoro antes de *e* e de *i*, o trema é necessário: **sangüíneo**, **lingüista**, **bilíngüe**, **enxágüe** etc.

8) A letra *x* é a que possui maior diversidade de valores sonoros: **exame**, **máximo**, **peixe**, **táxi** etc. Em final de palavra, sempre tem o valor de *cs*: **tórax**, **xérox** etc.; após ditongos, tem sempre o valor de *ch*: **caixa**, **feixe**, **trouxa**, **baixo** etc.

9) Os dígrafos *ch*, *nh*, *lh*, *rr* e *ss* não ocorrem depois de ditongos: **mecha**, **cartucho**, **bainha**, **sonho**, **calha**, **vermelho**, **morro**, **narração**, **massagem**, **ressaca** etc.

10) As letras *b*, *d*, *f*, *j*, *p*, *t* e *v* têm cada uma sempre o mesmo valor sonoro.

11) As letras vogais *a*, *e*, *i*, *o* e *u*, apresentam muita variação em seus valores sonoros. Em posição inicial ou final de palavra, as letras *e* e *i*, frequentemente, têm o mesmo valor: **simples**, **embora**, **espaço** etc.

12) A letra *i*, em ditongos que precedem *x* ou nas seqüências *-eiro* ou *-eira*, raramente é pronunciada: **caixa**, **peixe**, **jardineiro**, **maneiro**, **madeira** etc.

13) A letra *u*, no ditongo ou, raramente é pronunciada: **roubo**, **coube**, **acabou**, **açougue** etc.

14) A nasalização das vogais é indicada pela superposição de um til sobre as letras *a* e *o* — **maçã**, **sabão**, **mãos**, **pães**, **sabões** etc. — ou com as letras *m* ou *n* seguindo-se-lhes: **hífen**, **bomba**, **cem**, **ninguém**, **manta**, **junto** etc.

Acentuação

A convenção para marcação gráfica do acento da língua portuguesa é bem mais simples do que a que se fez para o uso do alfabeto. Tendo em vista que as palavras da língua portuguesa na sua grande maioria são paroxítonas ou oxítonas terminadas em consoante, ter-se-á que estabelecer convenções apenas para um pequeno grupo de palavras. Vale lembrar que palavras paroxítonas são as que tem o acento tônico na penúltima sílaba, palavras proparoxítonas na antepenúltima e oxítonas, na última sílaba.

As convenções mais gerais para a acentuação gráfica são as seguintes.

1) Paroxítonos terminados em vogal *a*, *e* ou *o*, seguidos ou não de *s*, não são acentuados: **janela**, **pelote**, **recado**, **miragem**, **aguardam**, **casas**, **postos**, **bailes**.

2) Paroxítonos terminados em vogal *a* e *e* seguidos de *m* ou de *ns*, não são acentuados: **miragem**, **aguardam**, **item**, **hifens**, **bagagem**, **bagagens**.

3) Oxítonos terminados em consoante diferente de *s* ou de *m* não são acentuados: **lugar**, **acender**, **coronel**, **papel**, **quilonon**, **panteon**, **telex**, **unissex**.

4) Oxítonos terminados em vogais *i* e *u*, seguidos ou não de consoante não são acentuados: *aipim*, *alecrim*, *pingüim*, *jabuti*, *manati*, *bacuri*, *jaburu*, *algum*, *belzebu*, *gabiru*, *comum*, *caqui*, *caju*, *nu*, *sagüis*, *obus* etc.

5) Palavras terminadas em encontros vocálicos também não são acentuadas se a vogal acentuada for a penúltima, quer esse encontro se constitua num ditongo — *parei*, *avisou* — quer não — *silencia*, *contrario* (na 3ªp dos verbos *silenciar* e *contrariar*) . Apenas deve ser considerado que, no caso de essa vogal ser aberta *ó* ou *é*, ela será acentuada: *rói*, *herói*, *bói*, *beleléu*, *chapéu*, *céu*, *troféu*, *anéis* etc.

6) Os ditongos abertos, *éi*, *éu* e *ói* são sempre acentuados: *minóico*, *corticóide*, *réus*, *povaréu*, *traquéia*, *diarréico*, *Coréia* etc.

7) Palavras paroxítonas em que haja duplicação de vogais, a primeira será acentuada: *vôo*, *enjôo*, *lêem* (v. *ler*), *vêem* (v. *ver*).

8) Os monossílabos seguem as mesmas regras com a exceção das terceiras pessoas dos verbos em que singular e plural se confundiriam: *ele tem* x *eles têm* (v. *ter*), *ele vem* x *eles vêm* (v. *vir*), em todos os demais casos, serão tratados como palavras oxítonas.

9) Uns raros casos de acento diferencial permanecem na língua portuguesa. Não há regra para eles: *pára* (3ªp do v. *parar*), *pólo* (magnético, por exemplo), *pôde* (pass. do v. *poder*), *pêlo* (do corpo), *côa* (3ªp do v. *coar*), *pêra* (a fruta) e, eventualmente, *fôrma* (de bolo, por exemplo).

10) Usa-se a crase, especialmente, no caso de contrações da preposição *a* com o artigo *a* ou com os pronomes demonstrativos iniciados pela letra *a*: *dei rosas à Maria*, *vou àquela casa*.

11) Os ditongos nasais *ão*, *ãe*, *õe* e a vogal nasal *ã* são sempre marcadas com o til.

12) Acentuam-se, também, os hiatos em que a segunda vogal é a *u* ou *i* tônica: *saúde*, *caída*, *baú*, *caí*.

Usa-se o circunflexo para marcar o acento das vogais fechadas e o agudo para marcar as vogais abertas.

Atividades

1) Distribua as palavras seguintes quanto à acentuação: *pé*, *cabeça*, *bêbado*, *cauim*, *atabaque*, *motor*, *próton*, *ônus*, *repolho*, *lânguido*, *escassez*, *ninguém*, *outrem*, *ônibus*, *nu*, *chabu*.

2) Justifique as crases nas seqüências abaixo:

Vou à casa dele: _____

Trabalharam às escondidas: _____

Sugestões de leitura

HOUAISS, Antônio. *A nova ortografia da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1991.

O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)*, publicado pela Academia Brasileira de Letras, não é exatamente uma obra para leitura, mas sim para consultas diversas. Pode ser consultado pela Internet no endereço da própria Academia:

<www.academia.org.br/vocabulario.htm>.

LÍNGUA PORTUGUESA

Venda à vista: _____

Assistiram à peça: _____

Unidade 3

Morfossintaxe das classes de palavras

Estrutura e formação de palavras

As palavras da língua portuguesa formam-se a partir de junção de elementos menores a uma base historicamente determinada. Assim, podemos verificar que palavras como *jardineiro* e *jardinagem* são formas derivadas de uma mesma forma básica *jardim*; no primeiro caso acrescentou-se-lhe *-eiro* e no segundo *-agem*. Na maioria das vezes, alguns ajustes fonéticos são necessários, como foi o caso da variação das letras *m* e *n*, bem como de seus valores sonoros correspondentes. Algumas vezes o acréscimo ocorre antes da base historicamente determinada: *fazer* e *desfazer*, por exemplo. Dessa maneira podemos distinguir três elementos principais na formação das palavras: o radical — base a partir da qual se forma a palavra — o prefixo — elemento que se acrescenta antes do radical — e o sufixo — elemento que se acrescenta depois do radical. Alguns dos ajustes podem ser acréscimos de letras e valores sonoros correspondentes, estabelecendo elementos de ligação. É o caso de *agressividade*, que tem como forma básica a palavra *agressivo*. A essa forma acrescentou-se *-dade*. Houve necessidade de ajustes, que nesse caso foi a inserção de uma vogal de ligação *-i*. Compare-se, por exemplo, com *igualdade*, em que apenas se acrescentou *-dade* à base *igual*.

DERIVAÇÃO

Os prefixos disponíveis para os falantes da língua portuguesa formarem novas palavras têm origem diversa. Abaixo segue uma lista com alguns desses prefixos separados por sua origem grega ou latina:

LATINOS	GREGOS
ante- — antebraço, anteontem	a-, an- — acéfalo, anônimo, atrofia
contra- — contra-indicação, contraprova	anfi- — anfiteatro,
circum- — circundar, circunavegar	ana- — anacrônico, anagrama
des- — desusar, desfazer, descarregar	anti- — antialcoólico, antibiótico
de- — decompor, deparar	arqui-, arce- — arquiinimigo, arcebispo
ex- — expatriar, expor	dis- — dislalia, disfunção
in-, i- — inútil, ilegal	endo- — endogenia, endovenoso
entre-, inter- — entrever, interpor	epi- — epiderme, epicentro

Organizadores

Maria Lúcia V. de
Oliveira Andrade

Neide Luzia de
Rezende

Valdir Heitor
Barzotto

Elaboradores

Waldemar
Ferreira Netto

LATINOS	GREGOS
intro- — intrometer, introspectivo	eu- — eufonia, eulalia,
pre- — predizer, predispor	hemi- — hemiplégico, hemisférico
re- — reassumir, reviver	hiper- — hipertensão, hipertrofia
ultra- — ultrapassar, ultravioleta	hipó- — hipoglicemia, hipotrofia
sub- — subnutrido, subdelegado	sin- — sinônimo, sincrônico
sobre-, super-, supra- — sobreposto, supersônico, supranacional	
retro- — retroagir, retrovisor	

Os sufixos disponíveis da língua portuguesa apresentam-se em muito maior número do que os prefixos. São responsáveis não só pela criação de novas palavras, mas também pela possibilidade de variação de classe gramatical bem como pela coesão sintática de conjuntos de palavras. Dessa maneira, a sufixação atua também em processos gramaticais obrigatórios que diferem da derivação ou formação de palavras; chamam-se *flexões*. Assim, temos de caracterizar os sufixos como *derivacionais* ou *flexionais*.

Sufixos derivacionais podem alterar a classe gramatical das palavras, isto é, a partir de uma base, por exemplo, substantiva, pode se formar um adjetivo. É o caso de *cabeludo*, adjetivo formado a partir de *cabelo*, que é substantivo, pelo acréscimo de *-udo*; *carnavalesco*, adjetivo formado a partir do substantivo *carnaval*, pelo acréscimo de *-esco*.

SUBST. > SUBST.	ADJ. > SUBST.	VERBO > SUBST.	SUBST. > ADJ.	ADJ. > VERBO
-aria <i>livro > livraria</i> <i>pirata > pirataria</i>	-ia <i>valente > valentia</i> <i>alegre > alegria</i>	-mento <i>ornar > ornamento</i> <i>pensar > pensamento</i>	-oso, -osa <i>rigor > rigoroso</i> <i>leite > leitosa</i>	-ável, -ível <i>desejar > desejável</i> <i>remover > removível</i>
-io <i>mulher > mulherio</i> <i>poder > poderio</i>	-ez, -eza <i>surdo > surdez</i> <i>puro > pureza</i>	-ção <i>nomear > nomeação</i> <i>coroar > coroação</i>	-udo <i>ponta > pontudo</i> <i>sorte > sortudo</i>	-douro <i>beber > bebedouro</i> <i>vir > vindouro</i>
-agem <i>folha > folhagem</i> <i>língua > linguagem</i>	-ice <i>menino > meninice</i> <i>tolo > tolíce</i>	-dor <i>regar > regador</i> <i>roer > roedor</i>	-ano <i>Peru > peruano</i> <i>Camões > camoniano</i>	-tório <i>inibir > inibitório</i> <i>derivar > derivatório</i>
-al <i>banana > bananal</i> <i>lama > lamaçal</i>	-dão <i>manso > mansidão</i> <i>podre > podridão</i>	-tório <i>purgar > purgatório</i> <i>orar > oratório</i>	-ento <i>sede > sedento</i> <i>peçonha > peçonhento</i>	-iço <i>meter > metediço</i> <i>assustar > assustadiço</i>
-ada <i>bico > bicada</i> <i>papel > papelada</i>	-dade <i>mal > maldade</i> <i>legal > legalidade</i>	-ante, -ente, -inte <i>pedir > pedinte</i> <i>combater > combatente</i>	-engo <i>mulher > mulherengo</i> <i>verde > verdolengo</i>	-io <i>regar > regadio</i> <i>achar > achadio</i>
-ugem <i>pena > penugem</i> <i>lã > lanugem</i>	-ura <i>branco > brancura</i> <i>doce > doçura</i>	-ência <i>obedecer > obediência</i> <i>reger > regência</i>	-aico <i>prosa > prosaico</i> <i>judeu > judaico</i>	-ivo <i>pensar > pensativo</i> <i>lucrar > lucrativo</i>

Sufixos que se reportam à flexão das palavras envolvem especialmente as noções de gênero e de número. A formação mais regular do gênero feminino é a substituição da vogal átona final pelo sufixo *-a* às palavras, como em *menino/menina*, *gato/gata*, *mestre/mestra* ou o acréscimo desse sufixo: *professor/professora*, *doutor/doutora* etc.; e a formação mais regular do plural é o acréscimo do sufixo *-s* às palavras terminadas em vogal e *-es* às palavras

terminadas em consoante, como em *menino/meninos*, *gato/gatos*, *mestra/mestras*, *lugar/lugares*, *mês/meses*, *dor/dores* etc. No entanto, as exceções a esses casos são muito numerosas, como se verá mais adiante.

A VARIAÇÃO DE GÊNERO

Há palavras que não comportam qualquer variação de gênero: *amante*, *seguinte*, *cliente*, *ouvinte*, *inocente* etc., diz-se que são de dois gêneros:

MASCULINO	FEMININO
o amante	a amante
o cliente	a cliente
o homem inocente	a mulher inocente
o número seguinte	a posição seguinte
o colega	a colega
o motorista	a motorista
o consorte	a consorte

Há algumas poucas palavras em que essa variação pode ocorrer ou não:

MASCULINO	FEMININO
o presidente	a presidente a presidenta
o parente	a parente a parente

Há diversas formas para se marcar o gênero:

MASCULINO	FEMININO
-ão : mandão, babão, chorão	-ona : mandona, babona, chorona
-ão : irmão, ancião, alemão	-ã : irmã, anciã, alemã
-ão : leão, leitão, pavão	-oa : leoa, leitoa, pavo
ladrão	ladra
perdigão	perdiz
-tor, -dor : ator, imperador	-triz : atriz imperatriz
-eu : hebreu, pigmeu	-éia : hebréia, pigméia
-eu : judeu, sandeu	-la : judia, sandia
pai	mãe
compadre	comadre
patriarca	matriarca
príncipe	princesa
barão	baronesa
avô	avó

Como se pode notar, apesar de algumas pretensas regularidades, não se pode estabelecer uma regra geral para a marcação do gênero feminino; isto é, da mesma maneira que o feminino das formas masculinas em *-ão*, pode ser *-ona*, *-ã* e *-oa*, ocorre o feminino *baronesa* para o masculino *barão*, de forma semelhante a *princesa* para *príncipe*. Também as formas *pai* e *mãe* parecem ter alguma relação com *compadre* e *comadre* bem como com *patriarca* e *matriarca*, mas essa relação é histórica e somente o estudo etimológico pode-

rá elucidá-la. Assim, preconiza-se que para conhecer as formas variantes do masculino e do feminino consulte-se o dicionário, prática aliás bastante recomendável.

A variação de número

As marcas sufixais da variação de número também não podem ser abarcadas por uma regra geral que dê conta de todas as possibilidades. Há algumas tendências, no entanto:

SINGULAR	PLURAL
-ão: sabão, mamão, limão	-ões: sabões, mamões, limões
-ão: mão, órfão, irmão	-ãos: mãos, órfãos, irmãos
-ão: alemão, pão, tabelião	-ães: alemães, pães, tabeliães
-ão: aldeão, verão	-ões, -ãos: aldeões, aldeães; verões, verãos
-ão: ancião, ermitão, sultão	-ões, -ãos, -ões: anciões , anciãos, anciães; ermitões, ermitãos, ermitães; sultões, sultãos, sultães
-al, -el, -el (tôn.), -ol, -ul: pombal, túnel, papel, anzol, azul	-ais, -eis, -éis, -óis, -uis: pombais, túneis, papéis, anzóis, azuis
-il (tôn.), -il: funil, fósfil	-is, -eis: funis, fósseis
-as, -es, -is, -us (âtonos): atlas, pires, lápis, ônus, vírus	não mudam : os atlas, os pires, os lápis, os ônus, os vírus

Algumas palavras ocorrem apenas no plural, como *afazeres*, *exéquias*, *arredores*, *trevas*, *núpcias*, *anais*, *belas-letras*, *belas-artes*, *férias*.

Algumas palavras mudam de classe gramatical quando são pluralizadas: *féria* é o rendimento do dia, *férias* são o período de descanso anual dos trabalhadores e dos estudantes; *bem* é produto de uma boa-ação, *bens* são as propriedades de uma pessoa.

Alguns plurais de nomes estrangeiros são realizados como na sua língua de origem:

campus > *campi* do latim
corpus > *corpora* do latim
curriculum > *curricula* do latim
topos > *topoi* do grego
lady > *ladies* do inglês

Algumas formas derivadas com o sufixo diminutivo *-zinho* mantêm o plural de sua forma básica no radical:

pão, pães > pãezinhos
 flor, flores > florezinhas
 papel, papéis > papezinhos
 bar, bares > barezinhos

Formas usuais como *barzinhos*, *colherzinhas*, *florzinhas* e outras devem ser evitadas em textos escritos.

Substantivo

Além de sua composição interna, as palavras podem ser compreendidas por meio da relação que estabelecem umas com as outras no processo de construção frasal. As palavras distribuem-se em classes gramaticais, variáveis e invariáveis. Classes gramaticais variáveis são as que exigem que sua forma básica seja flexionada em gênero e número, por exemplo; classes gramaticais invariáveis não têm variação obrigatória. As classes gramaticais da língua portuguesa são: substantivo, adjetivo, numeral, artigo, pronome, verbo, advérbio, conjunção e preposição.

As classes gramaticais de palavra que exigem flexão de gênero e número são: o substantivo, o adjetivo, o numeral, o artigo e o pronome. A classe gramatical que exige flexão de pessoa, tempo, modo, aspecto e voz é o verbo.

Uma das características da construção frasal na língua portuguesa é um fenômeno gramatical chamado concordância. A concordância estabelece que certos grupos de palavras recebam a mesma marcação de gênero e número. A partir do gênero intrínseco dos substantivos, definido tanto pela sua forma básica quanto pelo resultado de diversas derivações, as palavras que, na frase, relacionam-se a esse substantivo têm de receber o mesmo gênero, estabelecendo um grupo nominal coeso entre si.

Tomando-se uma palavra como *Brasil*, que é um substantivo que tem o gênero masculino, pode-se derivar *brasilidade*, que tem o gênero feminino. Trata-se, pois, de um substantivo feminino. Quaisquer palavras que se relacionem com essas têm de receber o mesmo gênero, masculino se se relacionarem com *Brasil* e feminino se se relacionarem com *brasilidade*.

O nosso Brasil fica na América Latina.
A nossa brasilidade é conhecida no exterior.

Pode-se verificar que as palavras *o* e *nosso* receberam o mesmo gênero da palavra *Brasil* na primeira frase, assim como *a* e *nosso* receberam o gênero feminino na segunda frase. Assim, há um grupo de palavras que mantém sua coesão pela concordância de gênero e de número.

Substantivo é a classe de palavras que se caracteriza por manter intrínseca a noção de gênero que desencadeia a concordância. Todos os substantivos têm seu gênero: masculino ou feminino. A mudança de gênero de um substantivo acarreta necessariamente a mudança de seu significado. Assim, *cachorro*, com gênero masculino, refere-se a um animal específico e *cachorra*, com gênero feminino, refere-se a outro animal, de sexo feminino. Não se confundam as noções de gênero e de sexo: variação de gênero não envolve necessariamente a variação de sexo. Assim, *a cabeça*, com gênero feminino, é uma parte do corpo, e *o cabeça*, é uma posição de liderança em um grupo de pessoas qualquer; *o rádio* é o aparelho, *a rádio* é a estação que transmite as notícias que se ouve pelo rádio.

A classe dos substantivos, ou nomes, é a que contém o maior número de unidades e, junto da dos verbos, a que melhor aceita a inserção de novas unidades. Dificilmente se poderá dizer quantos substantivos existem em uma língua qualquer, pois a todo instante novas palavras são criadas. Chamam-se *neologismos*. Alguns realmente se tornam palavras utilizadas pelos falantes da

língua, outros têm vida curta e logo são abandonados. Os neologismos podem ser elaborados por mecanismos diversos: *afixação*, isto é, pelo acréscimo de sufixos ou de prefixos a uma base pré-existente: *imexível*, *automotivo*, *grevismo*, *besteirol* etc.; pela fixação de grupos de palavras *quatro-dormitórios*, para um apartamento com quatro quartos, *boca-de-urna*, para os militantes que fazem propaganda de seus partidos junto dos locais de votação; pelo empréstimo de palavras estrangeiras: *pole-position*, *mouse*, *skinhead*; pelo estabelecimento de siglas: PT, CPMF, MEC, dentre outras cujo desdobramento nem sempre tem relação com as letras que formam a sigla — MEC, por exemplo, hoje é apenas Ministério da Educação, e não mais Ministério de Educação e Cultura, como era antes.

Nem sempre é fácil decidir qual é o gênero dos neologismos: para *skinhead*, por exemplo, que é uma expressão que significa, na sua língua original, *cabeça-pelada* ou *careca*, optou-se por atribuir-lhe o gênero masculino.

“Minha Adorável Lavanderia”, história da relação homossexual entre **um *skinhead* arrependido** e um filho de imigrantes paquistaneses, escrita pelo dramaturgo Hanif Kureishi, pode ser considerada um clássico. (*Folha de S. Paulo*. 18 jan. 2002. Caderno Ilustrada.)

Pode-se notar com facilidade que, no trecho acima, o substantivo *skinhead* vem acompanhado das palavras *um* e *arrependido*, que estabelecem concordância de gênero masculino com ele. Assim, o conjunto *um ‘skinhead’ arrependido* forma um grupo de palavras coeso pelo gênero masculino; chama-se esse grupo de *grupo nominal* ou *sintagma nominal*. Como a palavra *skinhead* é um termo estrangeiro, ainda não aportuguesado, não há marca morfológica de gênero que se pode acrescentar a ele. Nesse caso, só se consegue conhecer o gênero de *skinhead* ou procurando no dicionário — o Houaiss e o Michaelis atribuem-lhe dois gêneros, isto é, *o ‘skinhead’* ou *a ‘skinhead’*, em se tratando de um homem ou uma mulher, respectivamente — ou verificando o gênero aplicado às palavras que fazem concordância com ele, que, no caso, são *um* e *arrependido*, como já se viu.

Reeves é o tira que tenta desarmar a bomba. Bullock, **a improvisada motorista**. Hopper, o vilão. (*Folha de S. Paulo*. 18 jan. 1999. Caderno Ilustrada.)

No trecho acima, o termo *motorista* não porta por si só o gênero gramatical que se lhe atribuiu, por tratar-se de um substantivo de dois gêneros. Nesse caso, assim como no anterior, é necessário verificar em que gênero estão as palavras que concordam com ele formando um grupo nominal: *a* e *improvisada*. Ambas as palavras receberam o gênero feminino, o que aponta para o fato de que a palavra *motorista* recebeu o gênero feminino.

A concordância do grupo nominal também se dá pela variação de número do substantivo. Se o substantivo está no plural, também têm de estar no plural todas as palavras do grupo nominal.

[...] **as cinco últimas canções executadas** foram: “Sick of It”, Primitives; “Shrine”, The Dambuilders; “Show Me”, Over the Rhine; “Should I Stay or Should I Go”, The Clash; “Short Skirt, Long Jacket”, Cake. (*Folha de S. Paulo*. 17 mai. 2004. Caderno Folhateen.)

O substantivo *canções*, que tem gênero feminino e que recebeu o número plural, estabeleceu que as palavras relacionadas a ele — *as*, *cinco*, *últimas* e *executadas* — concordassem com ele quanto ao gênero e quanto ao número. O grupo nominal completo, *as cinco últimas canções executadas*, está no gênero feminino e no número plural.

A concordância do grupo nominal se faz com um conjunto de palavras que pertencem a classes nominais bem definidas: *adjetivos*, *artigos*, *numerais* e *pronomes*. São palavras que podem flexionar-se em gênero e número, sempre concordando com o substantivo. Chamam-se de palavras variáveis, pois todas elas podem variar de gênero e de número; nenhuma delas é intrinsecamente masculina ou feminina, como os substantivos. Como alguns substantivos parecem variar de gênero, — como no caso de *menino* e *menina* —, à semelhança dessas outras classes gramaticais, também é comum chamar o substantivo de palavra variável.

O número dos substantivos, apesar de variável, nem sempre pode oscilar, e muitas vezes sua variação promove a mudança do significado da palavra: as palavras *pêsames*, *viveres* e *núpcias*, por exemplo, são plurais e não comportam qualquer variação para o singular; as palavras *fé*, *norte* e *trabalheira*, por exemplo, também não comportam variação, mas para o plural. Os plurais *céus* e *honra*, por exemplo, não se reportam ao mesmo significado dos singulares *céu* e *honra*: *céu* reporta-se ao espaço aberto que está acima da terra, *céus* reporta-se ao poder divino de alguma entidade que possa viver por ali; *honra*, por exemplo, reporta-se a uma qualidade individual, *honras* reporta-se às homenagens que se fazem a uma pessoa.

Como se verá mais adiante, uma das características da variação de número dos substantivos é que ela tem um alcance maior do que o do seu grupo nominal: ela atinge também o verbo.

Adjetivo

Os adjetivos formam uma classe de palavras variáveis, que concordam sempre com os substantivos. De maneira geral, pode-se dizer que são palavras que dependem de um substantivo pois que sempre o acompanham, podendo vir antes ou depois dele. Seguem as mesmas regras derivacionais dos substantivos.

Assim como os substantivos, os adjetivos também se reportam a fatos da realidade, ou extralingüísticos.

Os técnicos vão aos domicílios e despejam no vaso **sanitário** um líquido com corante **amarelo**. (Folha de S. Paulo. 28 mai. 2004. Caderno Cotidiano.)

Os termos *sanitário* e *amarelo* grifados acima são adjetivos. Nota-se que concordam com os substantivos *vaso* e *corante*, respectivamente, que são do gênero masculino e estão no singular; também os adjetivos estão no masculino e no singular, formando grupos nominais — *o vaso sanitário* e *corante amarelo* — cada qual com seu substantivo.

Com relação ao movimento **skinhead** acredito que tenham ocorrido simplificações. (Folha de S. Paulo. 5 jan 2004. Caderno Folhateen.)

Nesse caso, a mesma palavra *skinhead*, que vimos se tratar de um substantivo de dois gêneros, foi usada como um adjetivo que se relaciona ao substantivo *movimento*. Por se tratar de uma palavra que não recebe marcas de flexão de gênero nem de número, sobretudo por ser de origem estrangeira, ela não tem nenhuma variação.

[...] a embalagem **skinhead** não fazia sentido estético na época, a moda pedia madeixas compridas. (*Folha de S. Paulo*. 17 mar. 1998. Caderno Esportes.)

A palavra *skinhead*, novamente usada como adjetivo, nesse caso recebeu gênero feminino porque *embalagem* tem gênero feminino, formando o grupo nominal *a embalagem 'skinhead'*.

Os buracos negros são uma das previsões mais **assustadoras** e **esquisitas** da teoria da relatividade. (*Folha de S. Paulo*. 26 jun. 2003. Caderno Ciência.)

Os adjetivos não precisam aparecer isolados, podendo ocorrer em conjunto, como é o caso do exemplo acima. As palavras *enganadoras* e *esquisitas* são adjetivos que se relacionam com a palavra *previsões*, que é feminina e está no plural. Todas as palavras desse grupo nominal também estão no feminino e no plural — *as, assustadoras* e *esquisitas* —, com exceção de *mais* e de *e*, que são, respectivamente, um advérbio que intensifica sentidos e uma conjunção que agrega elementos lingüísticos. Advérbios e conjunções são invariáveis, não trataremos delas por ora. Seqüências de adjetivos ocorrem com freqüência.

[...] as tensões políticas, sociais e o início da mediatização da Europa permitiram o aparecimento de figuras **dúbias, meteóricas** e **enganadoras**. (*Folha de S. Paulo*. 30 ago. 1999. Caderno Ilustrada.)

A seqüência de três adjetivos — *dúbias, meteóricas, enganadoras* — que se relacionam com o substantivo *figuras* ocorre novamente com a conjunção que agrega os dois últimos. Deve-se notar que, nesse tipo de seqüência, uma vírgula entremeia os termos arrolados e a conjunção aparece apenas entre os dois últimos termos, não importando a quantidade em que eles ocorram; mas dificilmente ocorrem em número maior do que três.

Algumas vezes, os adjetivos podem ocorrer substituindo formas perifrásticas com sentido correspondente. Dessa maneira, pode-se dizer *amor maternal*, no lugar de *amor de mãe*, ou *situação caótica* no lugar de *situação de caos*, ou *espetáculo circence* no lugar de *espetáculo de circo*. Há que se fazer essas substituições com muito cuidado pois nem sempre a correspondência é exata.

Na tarde de ontem, cerca de 20 pessoas estavam espalhadas no lado **de trás** do edifício, que parece ser uma das poucas partes cobertas. (*Folha de S. Paulo*. 24 mai. 2004. Caderno Cotidiano.)

A substituições da locução adjetiva *de trás* pelo adjetivo *traseiro*, nesse caso, seria completamente inadequada. No entanto, pode-se entender que *de trás* atua de forma semelhante à que seria a atuação de *traseiro*.

Um automóvel Citroën caiu no buraco e ficou só com a **parte traseira** para fora d'água. (Folha de S. Paulo. 1 mai. 2004. Caderno Cotidiano.)

No exemplo acima, a substituição do adjetivo *traseira* pela locução *de trás* não causaria nenhum estranhamento: *ficou só com a parte de trás para fora d'água*.

Quando locuções adjetivas ocorrem no grupo ou sintagma nominal, não há concordância delas com o substantivo.

Os painéis divisórios **de vidro temperado** têm estrutura de alumínio [...] (Folha de S. Paulo. 6 abr. 2003. Caderno Construção.)

Nesse caso, a locução *de vidro temperado* faz parte do grupo nominal definido pelo substantivo *painéis*; no entanto, apesar da concordância interna obrigatória do grupo — como ocorre com *os* e *divisórios* —, a locução não concorda com o substantivo. A preposição, invariável como as conjunções e os advérbios, cria um novo grupo nominal, que no caso é *vidro temperado*, com suas próprias regras de concordância: *painéis* é masculino e está no plural, *vidro* é masculino e está no singular.

Na língua portuguesa, os adjetivos ocorrem geralmente depois do substantivo, mas podem aparecer antes também.

Giroto deu uma **boa notícia** a seus colegas médicos e enfermeiros brasileiros. (Folha de S. Paulo. 31 mai. 2004. Caderno Mundo.)

Para quem está pensando em financiar um imóvel, uma **notícia boa** e outra ruim. (Folha de S. Paulo. 30 mai. 2004. Caderno Imóveis.)

No entanto, essa variação de posição, na maioria das vezes, causa variação de sentido ou de ênfase, como nos clássicos exemplos: *pobre homem* e *homem pobre*, em que, no primeiro caso não se imagina que o termo *pobre* refira-se a bens materiais e no segundo, sim.

Numeral

Numerais são palavras para reportar quantidades específicas das coisas referidas pelos substantivos. Atuam de maneira semelhante aos adjetivos, fazendo parte do mesmo grupo nominal. Os numerais podem ser classificados como *cardinais*, *ordinais*, *fracionários* e *multiplicativos*.

Os numerais cardinais são os que tratam dos números propriamente ditos: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, *cinco*, *seis*, *sete*, *oito*, *nove*, *dez*, e assim em diante. Via de regra, são usados por extenso até o número cinco, às vezes até o nove, para além disso usam-se os símbolos próprios para os números: *10*, *11*, *25*, *147*, *1.589* etc.

De acordo com as autoridades, a série de ataques terroristas, que teve início no sábado, matou **22** civis (**20** estrangeiros) e **sete** agentes de segurança, num saldo de **29** mortos. (Folha de S. Paulo. 31 mai. 2004. Caderno Mundo.)

Com exceção dos numerais cardinais *um* e *dois*, não se faz nenhuma concordância dele com o substantivo a que se referem.

Segurei a máquina com as **duas** mãos e pressionei para baixo. (*Folha de S. Paulo*. 23 mai. 2004. Ombudsman.)

Cinco testemunhas de acusação e **cinco** de defesa serão ouvidas. (*Folha de S. Paulo*. 31 mai. 2004. Caderno Cotidiano.)

Os numerais ordinais, por sua vez, seguem exatamente as mesmas regras dos adjetivos, estabelecendo concordância de gênero e número com o substantivo a que se referem.

As **terceiras** partidas da série acontecem na terça-feira. (*Folha de S. Paulo*. 27 fev. 1999. Caderno Esportes.)

Ao contrário dos adjetivos, entretanto, os numerais ordinais são, normalmente, colocados antes dos substantivos. A inversão dessa ordem provoca mudança de sentido.

As duas **primeiras questões** que abriram teleconferência na última segunda-feira [...] (*Folha de S. Paulo*. 5 dez. 2003. Caderno Esportes.)

Partimos de **questões primeiras**, quando não podemos aceitar [...] que salário seja considerado como renda (Disponível em: <www.rubensbueno.com.br>. Acesso em: 5 mai. 2001.)

Nos exemplos acima, nota-se que *primeiras*, numeral ordinal, quando ocorre antes do adjetivo, tem o sentido próprio de estabelecimento de ordem; no segundo caso — *questões primeiras* — o numeral adquiriu um valor que seria muito mais apropriado para adjetivos do que para numerais ordinais, tem um significado muito próximo de adjetivos como *principais*, *básicas*, *importantes* ou outros semelhantes.

Os numerais fracionários e multiplicativos são usados à semelhança dos substantivos. Estabelecem a base a partir da qual se farão todas as concordâncias.

O governo dirá que os US\$ 24 bilhões são praticamente o **quádruplo** de recursos obtidos no FMI para fechar as contas externas de 2001. (*Folha de S. Paulo*. 15 ago. 2002. Caderno Brasil.)

Um **sexto** da população mundial não tem acesso à água. (*Folha de S. Paulo*. 1 mai. 2003. Caderno Ciência.)

Nos exemplos acima, temos *quádruplo*, multiplicativo, e *sexto*, distributivo, que estabelecem o gênero masculino singular do grupo nominal.

Artigo

As palavras definidas como artigo são usadas de forma semelhante aos adjetivos e aos pronomes demonstrativos, com o qual concorrem, como se verá adiante. Formam uma classe muito fechada, contendo apenas oito elementos: *o, os, a, as, um, uns, uma, umas*. Como se vê, variam em gênero e em número. Chamam-se *definidos* os artigos *o, os, a, as* e *indefinidos* os artigos *um, uns, uma* e *umas*.

Os artigos ocorrem obrigatoriamente antes dos substantivos, com o qual concordam em gênero e número, e sempre como as primeiras palavras de um grupo nominal qualquer.

[...] logo em seguida **os meus dois principais jogadores** se machucaram e todo o meu trabalho desmoronou. (Disponível em: <www2.uol.com.br/tododia/ano98/agosto/dia23/>.)

Se quiser coloque **uns três ou quatro pedaços de bacon** na assadeira. (Disponível em: <www1.uol.com.br/cybercook/receitas/>.)

Pronome

A classe gramatical dos pronomes pode ser subdividida em: *possuais, demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos*.

Os pronomes pessoais têm uso semelhante aos substantivos. Referem-se especialmente às chamadas *pessoas do discurso*: 1ª pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa. Trata-se de uma característica que os pronomes compartilham apenas com os verbos e com alguns advérbios. Essas pessoas do discurso também são flexões e, portanto, estabelecem concordâncias: pronomes de 1ª pessoa desencadeiam o uso de formas verbais de 1ª pessoa nos verbos e, eventualmente, outros pronomes que estiverem relacionados a ele. Assim, aumentam-se as flexões: *gênero, número e pessoa*.

Os pronomes pessoais de primeira pessoa indicam o próprio falante, autor do discurso que se profere ou que se escreve. Sua forma mais óbvia é o pronome *eu*, mas também ocorre como *me* ou *mim*, e na expressão *comigo*. O pronome *eu* é usado exatamente como um substantivo, isto é, a partir dele fazem-se as concordâncias das demais palavras do grupo nominal que ele define. Dessa maneira, se o pronome *eu* reportar-se a um falante feminino, todo o grupo nominal será feminino.

Se você não for lá, **eu mesma** vou. (SABINO, Fernando. *No quarto de Valdirene*.)

No exemplo, verifica-se que o pronome de 1ª pessoa *eu* é feminino, isto é, reporta-se a um autor feminino do discurso. Assim, a concordância de *mesma* com o gênero atribuído ao pronome é obrigatória. Na medida em que os pronomes de primeira pessoa não recebem quaisquer marcas de variação de gênero, este só pode ser apreendido a partir da análise da concordância das

palavras que se relacionam a ele. Os pronomes de primeira pessoa *eu*, *me* e *mim* são exclusivamente singulares.

As formas *me* e *mim*, chamadas de *oblíquas*, são usadas apenas como objeto de verbo e de preposição, respectivamente. Veremos seu uso mais detidamente quando estivermos tratando da sintaxe.

Para o plural usam-se outras formas; as mais tradicionais são *nós*, *nos* e a expressão *conosco*. Também se fazem as concordâncias a partir do pronome: o gênero será o reportado pelo pronome, o número será sempre plural.

Isso é o que **todas nós** dizemos nas tuas condições, minha filha. (AZEVEDO, Aluísio. *Livro de uma sogra*.)

É comum usar-se na fala corriqueira a forma *a gente* para indicar a primeira pessoa plural. No entanto, deve-se cuidar para que não se confunda a concordância dessa forma com a do pronome *nós*. Apesar de cristalizada, *a gente* é um grupo nominal de terceira pessoa, com gênero feminino e número singular.

O enterro passara sob a minha janela; o morto eu o conhecera vagamente; no café da esquina **a gente** se cumprimentava às vezes, murmurando “bom dia”. (BRAGA, Rubem. *Viúva na praia*.)

Defrontar-se com **a gente mesma** é um susto. Mas pode ser um momento de descoberta. (LUFT, Lya. *Entrevista*. Disponível em: <www.sinpro-rs.org.br/extra/ago98/perfil.htm>.)

Note-se que a concordância com o verbo se dá pela terceira pessoa, como no primeiro exemplo, e com o gênero feminino, como no segundo exemplo. Saliente-se, ainda, que, apesar de reportar-se à primeira pessoa plural, a expressão é singular.

Os pronomes pessoais de segunda pessoa indicam o ouvinte, isto é, a pessoa a quem se dirige o autor do discurso. Suas formas mais conhecidas e apontadas nas gramáticas são *tu*, *te*, *ti* e a expressão *contigo* para o singular e *vós*, *vos* e a expressão *convosco* para o plural, mas as mais usuais na fala cotidiana são *você* para o singular, e *vocês* para o plural.

Há que se cuidar para que não se confundam essas formas de segunda pessoa, sobretudo quando se tiver de fazer a concordância delas com o verbo. Apesar de as formas *você* e *vocês* reportarem-se ao interlocutor do discurso, a 2ª pessoa, como se verá mais adiante, estabelecem uma concordância com o verbo na 3ª pessoa. Assim, ao se optar pelo conjunto *tu*, *ti*, *te* e *contigo*, as concordâncias de pessoa serão feitas especialmente a partir desses pronomes. O mesmo se dá ao se optar pelo conjunto *você* e *vocês*, cujas concordâncias também serão exclusivas. Não há que se misturar uma forma com a outra.

Enfim, **tu** farás o que entenderes! Só **te** previno de que esta gente é muito reparadeira! (AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*.)

Doravante o que **você** fizer é só **seu** e mais de **seus** filhos, se os tiver. (AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*.)

Nos exemplos acima, ambos extraídos do mesmo autor, pode-se notar que o uso da forma *tu*, primeiro caso, e da forma *você*, segundo caso, desencadeiam a restrição do uso dessas formas.

A concordância no grupo nominal é semelhante aos outros casos. Concorde-se sempre com o pronome.

Lê **tu mesma** esta carta. (ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*.)

O fato de você tentar ser **você mesma** e não se misturar nas intrigas incomodou os outros participantes? (*Folha de S. Paulo*. 18 mar. 2002. Caderno Ilustrada.)

Os pronomes de terceira pessoa são *ele*, *eles*, *ela*, *elas*, *se*, *si* e a expressão *consigo*. Como se vê, têm formas específicas para a variação de gênero e de número. Pode-se dizer que a chamada terceira pessoa não é a primeira nem a segunda, mas é o assunto sobre o qual se está discorrendo. Referem-se a fatos estritamente lingüísticos, como a recuperação de idéias e sentidos que já foram falados.

Para garantir sua promessa, **Senefelder** procurou o impressor e propôs-se a ajudá-lo, trabalhando **ele mesmo** na impressão. (*Folha da Manhã*. 4 ago. 1954. Arquivo da Folha.)

No exemplo acima, o pronome *ele*, no grupo nominal *ele mesmo*, reporta-se ao nome *Senefelder*.

Os pronomes pessoais que vimos, *eu*, *tu*, *você*, *vocês*, *nós*, *a gente*, *vós*, *você*, *vocês*, *ele*, *eles*, *ela*, *elas*, atuam de maneira semelhante a substantivos no grupo nominal que definem.

Os pronomes possessivos têm uso semelhante ao de adjetivos. Recebem marcas de gênero e de número baseadas na concordância com o substantivo a que se referem.

	1ª PESSOA	2ª PESSOA	3ª PESSOA
SINGULAR	meu, meus	teu, teus	seu, seus
	minha, minhas	tua, tuas	sua, suas
PLURAL	nosso, nossos	vosso, vossos	seu, seus
	nossa, nossas	vossa, vossas	sua, suas

Como se pode notar, as variações que os pronomes recebem quanto à flexão são mais complexas do que as das demais classes variáveis. Recebem marcas de gênero e número, concordando com o substantivo que define o grupo nominal a que pertencem. Recebem marcas de pessoa que reportam a pessoa do discurso a que se atribui a posse referida no substantivo.

Mas **eu** sei o que foram as **minhas** dores. (LISPECTOR, Clarice. *Uma ira*.)

Em outros braços **tu** resolves **tuas** crises

Em outras bocas

Não consigo **te** esquecer (FAGNER, Raimundo. *Deslizes*.)

Apesar de não ser tradicionalmente considerada como concordância, a manutenção da pessoa definida pode ser tratada como tal na relação estabelecida

entre os pronomes. Assim, como no exemplo acima optou-se pela forma *tu*, manteve-se a correlação com as formas *tuas* e *te*. Caso a opção fosse por *você* a correlação seria com as formas *suas* e *se*.

Tu e tuas amigas não me deixariam esquecer de **ti**.
Você e suas amigas não me deixariam esquecer de **você**.

Pronomes demonstrativos recebem marcação de gênero, número e marcação de pessoa.

1ª PESSOA	2ª PESSOA	3ª PESSOA
este, estes	esse, esses	aquele, aqueles
esta, estas	essa, essas	aquela, aquelas

A variação de pessoa entre os demonstrativos, entretanto, tem implicação exclusivamente referencial, reportando-se tão somente à posição do fato referido pelo substantivo em relação ao autor do texto. A rigor, pronomes demonstrativos de primeira pessoa referem proximidade com o autor, de segunda pessoa referem proximidade com o interlocutor e de terceira referem proximidade com o assunto sobre o qual o autor e o interlocutor estão discorrendo.

[...] você precisa ver se acha por aí **aquele** trabalhinho que lhe mandei pra ler.
 (ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*)

No exemplo, o demonstrativo *aquela* reporta-se a um fato, *trabalhinho*, que é conhecido do autor e do interlocutor mas não está junto de nenhum dos dois.

Eu também estava sofrendo de — megalomania! Nem bem cheguei fui ler a carta e estava certo. Que hei de fazer com **esta** cabeça cada vez pior! Outro dia falei uma burrada dos diabos numa crítica musical. (ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*.)

No exemplo acima, a cabeça a que se refere o autor é a sua própria cabeça, o que justifica o uso do demonstrativo apropriado para a primeira pessoa.

— Rosa, que mal te fiz eu, para estares assim a amofinar-me com **essas** falas?
 (GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*.)

No exemplo, o demonstrativo *essas* refere-se à fala do interlocutor, sendo, portanto, próxima dele.

Muito embora esse seja o uso preconizado dos demonstrativos de primeira e de segunda pessoa, dificilmente exemplos como esses podem ser encontrados. De maneira geral, o demonstrativo de segunda pessoa tem uso muito mais generalizado, incluindo aí as funções que os de primeira pessoa teriam. Basicamente usam-se os pronomes de segunda pessoa para apresentar proximidade e os de terceira pessoa para apresentar distância, seja referente aos próprios interlocutores seja referente ao momento específico da fala.

Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas **esse** povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. (VARGAS, Getúlio. *Carta-testamento*.)

No exemplo acima, o demonstrativo *esse* reporta-se ao povo anteriormente referido no próprio texto.

Iniciei a construção de um novo balão e novo motor, **este** um pouco mais forte, **aquele** um pouco maior. (DUMONT, Santos. *O que eu vi*.)

A diferença entre o uso de *este* e de *aquele* no exemplo está no distanciamento das expressões que cada um refere: *este* refere *novo motor*, expressão próxima do demonstrativo, *aquele* refere *novo balão*, expressão distante do demonstrativo.

Perdoe-me trazer o fato para **esta** carta, que comeci tomado de tristeza e dor de sua grande perda. (TEIXEIRA, Anísio. *Correspondência*. Disponível em: <www.prossiga.br/anisioiteixeira/>.)

No caso acima, com o uso do demonstrativo *esta*, de primeira pessoa, o autor reporta-se à própria carta que ele está escrevendo.

Pronomes indefinidos também recebem concordância de gênero e número com o substantivo a que se referem. Alguns, entretanto, são usados à semelhança de substantivos, isto é, formam a base do grupo nominal.

PRONOMES INDEFINIDOS QUE SE USAM COMO ADJETIVOS	PRONOMES INDEFINIDOS QUE NÃO SE USAM COMO ADJETIVOS
algum, alguns	alguém
alguma, algumas	
nenhum, nenhuns	ninguém
nenhuma, nenhuma	
outro, outros	algo
outra, outras	
pouco, poucos	nada
pouca, poucas	
muito, muitos,	outrem
muita, muitas	
qualquer, quaisquer	quem
quanto, quantos	
quanta, quantas	
todo, todos	
toda, todas	
vários	
várias	
certo, certos	
certa, certas	
tal	
tais	
certo	
cada	

Ainda que sejam pouco usuais, os indefinidos — *nenhuns* e *nenhumas* — dos exemplos abaixo receberam as marcas de gênero e de número dos substantivos a que se relacionam, respectivamente *adornos* e *satisfações*.

Simplex era a mobília, **nenhuns adornos** , uma estante de jacarandá, com livros grossos in-quarto e in-fólio; uma secretária, duas cadeiras de repouso e pouco mais. (ASSIS, Machado de. *Helena*.)

Não lhes satisfarei esta curiosidade porque não tenho **satisfações nenhuma** s que lhes dar. (URTIGÃO, Ramalho. *Cartas a Emília*.)

É possível também tomá-los como base de um grupo nominal. Nesse caso, será a partir dele que se desencadeará a concordância dos elementos que formam o grupo.

Ali tem sempre **alguém importante** que merece ser aplaudido ou vaiado. (CONY, Carlos Heitor. *Folha Online*. Disponível em: <www.folha.uol.com.br>. Acessado em: 17 fev. 2004.)

O avião chegará em dezembro já pago, **algo raro** em contratos desse tipo. (*Folha Online*. Disponível em: <www.folha.uol.com.br> Acessado em: 7 mai. 2004.)

Verbo

Os verbos são as palavras que, na língua portuguesa, mais variam em suas flexões. Apesar de não compartilharem da variação de gênero, como as demais palavras que vimos até agora, recebem marcação de pessoa, número, tempo, aspecto, modo e voz.

A variação de pessoa, as mesmas dos pronomes, é obrigatória. Suas marcas caracterizam-se por serem formas sufixais associadas ao radical do verbo, com os devidos ajustes.

1ª pes. sing.	canto	vendo	parto
2ª pes. sing.	cantas	vendes	partes
3ª pes. sing.	canta	vende	parte
1ª pes. plur.	cantamos	vendemos	partimos
2ª pes. plur.	cantais	vendeis	partis
3ª pes. plur.	cantam	vendem	partem

Pode-se notar que as marcas são *-o* e *-s*, para a primeira e segunda pessoa do singular, *-mos*, *-is* e *-m* para a primeira, segunda e terceira pessoa do plural. Também se verifica que não há marca para a terceira pessoa do singular. Os radicais verbais, nesse caso, são *canta-*, *vende-* e *parti-*. Cada um deles teve de ter seus próprios ajustes para acondicionar as marcas de pessoa.

As marcas de pessoa dadas acima são as formas que se pode chamar de canônicas da língua portuguesa; não são as mais usadas. Na fala coloquial, e mesmo em textos escritos, formais ou não, essas mesmas marcas de pessoa são usadas para referir pessoas do discurso diferentes dessas canônicas.

E **vós** , minha menina, nada **quereis** saber? (PENA, Martins. *As casadas solteiras*.)

O uso da marca de segunda pessoa plural, bem como do pronome *vós*, não está referindo senão uma única pessoa, a *minha menina*. Trata-se de um uso respeitoso do pronome, muito comum, por exemplo, ao referir uma entidade divina.

[...] a minha fé com os olhos fechados crê firmemente, Senhor, que **estais** nesse Sacramento. (VIEIRA, Pe. Antônio. *Sermão de quarta-feira de cinzas*.)

A segunda pessoa plural, atualmente, é usada tomando-se o pronome *vocês* para referi-la.

Todos vocês sabem que, quando tomei posse, a economia brasileira vivia um momento dramático. (LULA DA SILVA, Luís Inácio. *FolhaOnline*. 7 abr. 2003.)

Também as demais marcações de pessoa no verbo são usadas para referir outras pessoas do discurso.

Então — não sei se você se lembra — que **a gente chegou** e o homem do botequim disse que o siri já tinha acabado. (PONTE PRETA, Stanislaw. *Não sei se você se lembra*.)

Assim, não se pode pensar em apreender as pessoas do discurso referidas pelos verbos tão somente por suas marcas morfológicas. À maneira do que se fez com os substantivos, também será a partir da concordância do verbo com outras palavras que se poderá reconhecer a pessoa do discurso. Há que se distinguir entre as marcas morfológicas de pessoa e as pessoas do discurso propriamente ditas. As marcas morfológicas de pessoas consistem na flexão do verbo.

À medida que as pessoas variam entre singular e plural, também o verbo sofre essa variação. Cada pessoa, entretanto, terá sua própria marca morfológica, isto é, não há uma marca de plural comum a todas as pessoas.

O verbo concorda com o grupo nominal a que imediatamente se relaciona. Se for um grupo nominal de terceira pessoa plural, o verbo receberá a marca morfológica da terceira pessoa plural; se o grupo nominal for de primeira pessoa singular, também o verbo deverá receber a marca de primeira pessoa singular. Vale lembrar que as palavras *você* e *a gente*, apesar de referirem a segunda pessoa singular e a primeira pessoa plural do discurso são palavras da terceira pessoa singular, estabelecendo, portanto, que o verbo deverá receber a marca da terceira pessoa singular; *vocês* refere a segunda pessoa plural, mas é uma palavra de terceira pessoa, logo, o verbo, para concordar com ela, deverá receber marca de terceira pessoa plural.

Ah! **vocês querem** levar outra sova ao dominó como a de sábado passado? (QUEIRÓS, Eça de. *Os maias*.)

Você foi

O maior dos meus casos,

De todos os abraços

O que eu nunca esqueci (ROBERTO CARLOS. *Outra vez*.)

Então **a gente começava** a falar sobre as pessoas que **a gente conhecia** em comum, ali no bairro [...] (*Folha de S. Paulo*. 5 mar. 2002. Caderno Ilustrada.)

A variação de tempo também ocorre com marcas morfológicas no verbo. De fato, na maioria das vezes são morfemas que também indicam a variação de pessoa.

	PRESENTE	PASSADO	FUTURO
1ª pes. sing.	vendo	vendi	venderei
2ª pes. sing.	vendes	vendeste	venderás
3ª pes. sing.	vende	vendeu	venderá
1ª pes. plur.	vendemos	vendemos	venderemos
2ª pes. plur.	vendeis	vendestes	vendereis
3ª pes. plur.	vendem	venderam	venderão

Não vou dizer que **venderemos** US\$ 10 milhões amanhã. (*Folha de S. Paulo*. 24 nov. 2003. Caderno Ilustrada.)

O time concentra três dos cinco atletas de Bernardinho que **venceram** a Copa do Mundo. (*Folha de S. Paulo*. 6 dez. 2003. Caderno Esportes.)

É fácil perceber que os verbos *venderemos* e *venceram* reportam-se a tempos diferentes: um ao futuro, outro ao passado, respectivamente.

A marcação de tempo, entretanto, não necessita vir especificamente como parte da morfologia do verbo. Pode ocorrer de ela se realizar pela presença de outro verbo que refira o tempo. O verbo *ter*, o verbo *ir*, o verbo *haver*, dentre outros, podem fazer esse papel de marcadores de tempo. São chamados de *verbos auxiliares*.

E ora não estamos apaixonados. Nossa comoção por essa moça é gratuita. O que sentimos por ela é uma especie de gratidão. Não **tínhamos pensado** nisso; mas agora nos damos conta de que sua presença é um favor da vida. (BRAGA. Rubem. *Folha da Manhã*. 26 mai. 1946.)

Como eu falei, a imortalidade **vai tornar** nosso planeta superpovoado, **vão surgir** problemas com alimento, com água, falta de espaço e, principalmente, falta de recursos. (*FolhaOnline*. 30 set. 2003.)

Nos exemplos acima, os verbos *pensar*, *tornar* e *surgir* vão acompanhados dos verbos auxiliares *ter* e *ir*: *tínhamos pensado*, *vai tornar* e *vão surgir*. Estes dois últimos referem acontecimentos que deverão ocorrer, futuros; aquele primeiro refere acontecimento que já ocorreu, passado. O fato de o verbo necessitar de um auxiliar para a marcação de suas flexões é conhecido como *locução verbal*.

A variação de aspecto verbal vem tradicionalmente apresentada pelos nomes *perfeito* e *imperfeito*. Assim, há o tempo *passado perfeito*, como é o caso de *vocês falaram* e o tempo *passado imperfeito*, como é o caso de *vocês falavam*. A diferença entre essas duas formas, uma com o morfema *-ram* e outra com o morfema *-vam*, é que a primeira refere um fato que aconteceu num determinado tempo e terminou, esse é o aspecto *perfectivo*, e a segunda refere um fato durante a sua ocorrência, isto é, antes do seu término, é o *imperfectivo*. Normalmente, usa-se o segundo caso quando se quer fazer referência a dois fatos que ocorrem em tempo simultâneo.

Tapava os ouvidos quando os outros **falavam**, dava murros na parede, dizia palavrões. (MACHADO, Alcântara. *Contos avulsos*.)

[...] essa moça, tão criança, **era** inteiramente mulher quando os olhos dela **encontravam** os dele [...] (ASSIS, Machado de. *Casa velha*.)

Nos exemplos acima — *tapava, falavam*, no primeiro, *era e encontravam*, no segundo —, pode-se notar que em ambos os casos os fatos referidos ocorrem simultaneamente a outros: “tapar os ouvidos” em relação a “falar” e “ser inteiramente mulher” em relação a “encontrarem-se os olhos um o do outro”. Deve-se atentar para o fato de que há referência a uma duração no tempo referido pelo verbo, de maneira que seja perceptível a simultaneidade dos fatos.

A marcação morfológica de aspecto no verbo, por vir acomodada tanto à marcação de pessoa quanto à de número e à de tempo, não é fácil de ser apreendida. Nas locuções verbais, entretanto, o aspecto vai ocorrer separadamente da marcação de tempo, isto é, o tempo vai marcado no verbo auxiliar e o aspecto vai marcado no verbo principal. Nesse caso, a marca de aspecto *imperfectivo* será o *gerúndio*, cuja característica morfológica é a sua terminação em *-ndo*: *comprando, vendendo, partindo, compondo* etc.

— Isso é um crime, ouviu?, é um crime o que vocês **estão fazendo** com esse rapaz! (RODRIGUES, Nelson. *Delicado*)

— Ei, Nicolino! NICOLINO!

— Que é?

— Você **está ficando** surdo, rapaz! A Grazia passou agorinha mesmo. (SABINO, Fernando. *Como nasce uma história*.)

Nos dois casos, os verbos *fazer* e *ficar* têm a marca morfológica *-ndo* referindo um fato durante o seu desenvolvimento. No primeiro exemplo, a maldade que se está fazendo com o rapaz está sendo referida no momento da fala do locutor; da mesma maneira o hipotético ensurdecimento do Nicolino, que parece estar se acentuando naquele mesmo instante em que ele é chamado. Note que as ações estão sendo referidas no tempo presente, relativamente ao locutor, e durante o momento da fala do locutor: um tempo presente e um aspecto imperfectivo.

Deve-se entender que o aspecto verbal refere o fato tomando-o sob três pontos de vista: o seu início, o seu decorrer e o seu final. Assim, as marcas aspectuais estarão sempre voltadas para um desses pontos de vista.

	INÍCIO	DECORRER	FINAL
vi	comecei a correr	estive correndo continuo correndo	acabei de correr
via	começava a correr	estava correndo continuava correndo	acabava de correr
verei	começarei a correr	estarei correndo	acabarei de correr
vou ver	vou começar a correr	vou estar correndo	vou acabar de correr

As variações de modo na língua portuguesa foram tradicionalmente agrupadas segundo as variações morfológicas que os verbos apresentam. Normalmente são definidos os modos *indicativo*, *subjuntivo* e *imperativo*, para o português. A situação, entretanto, é um pouco mais complicada do que isso.

Os modos verbais referem a participação do locutor no fato referido pelo verbo. À semelhança do aspecto, também o modo pode ser referido pela junção de morfemas ao verbo ou pelo uso de verbos auxiliares. No primeiro caso, teremos as marcações mais clássicas dos modos *indicativo* e *subjuntivo*.

PRESENTE	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
	corro	corra
	corremos	corramos
	correm	corram
PASSADO	corri	corresse
	corremos	corrêssemos
	correram	corressem
FUTURO	correrei	correr
	correremos	correremos
	correrão	correrem

As variações morfológicas do modo verbal ocorrem conjuntamente com as variações de tempo e de aspecto. De uma maneira mais geral, pode-se dizer que o modo subjuntivo difere do indicativo porque neste o falante faz uma afirmativa segura do fato e naquele ele não faz.

A prova é que se **dependesse** de mim casá-lo, casava-o amanhã mesmo. (ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*.)

O verbo *depende* do exemplo acima está no modo subjuntivo. A afirmação feita não é suficiente para apresentar o fato, que, no caso, é apenas um conjectura, deixando claro que o casamento não dependia do autor da frase. Se alterássemos o modo para o indicativo, teríamos uma frase bastante diferente:

A prova é que se **depende** de mim casá-lo, caso-o amanhã mesmo.

Nesse exemplo, o casamento depende ou pode depender do autor da frase. Note que o mesmo não se pode dizer do verbo *casar*, em nenhum dos dois exemplos, nos dois casos essa seria uma possibilidade.

A variação do modo morfológicamente marcado não apresenta características semânticas fortes para a sua apreensão. Suas características fundamentais são a sua exigência em algumas construções. É o caso de *talvez*.

Quem sabe se não seria melhor abandonar duma vez esses sonetos indiscretos? Repare que **talvez** eles também **pertencam** um bocado àquele “ruim esquisito” que você inventou com tanta felicidade. (ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*.)

Ao usar a palavra *talvez* o verbo foi usado no subjuntivo. Mas a vinculação entre o modo subjuntivo não se dá somente com palavras, dá-se, também, com orações. Como se verá mais adiante, orações dependentes são construídas com verbos no modo subjuntivo. Apenas quando se deseja propor uma variação ou um efeito de sentido qualquer é que os verbos das orações dependentes não ficam no subjuntivo.

O modo manifesta-se com muito mais clareza nas locuções verbais. Nesse caso, da mesma maneira que o aspecto, será o verbo auxiliar que definirá o modo, isto é, qual é a participação do sujeito no sentido referido pelo verbo.

O sr. Cotegipe disse que o Partido Conservador **queria, podia e devia ampliar** a lei de 28 de setembro. (PATROCÍNIO, José do. *A campanha abolicionista*.)

No exemplo, o verbo *ampliar* ocorre modificado pelos auxiliares *querer*, *poder* e *dever*. São marcadores de modo. Como se nota, o modo pode ser cumulativo. A relação que o autor quer estabelecer entre o Partido Conservador e a ampliação da lei de 28 de setembro vai expressa exatamente pelos verbos auxiliares. Não se trata, pois, de estabelecer-se uma relação apenas formal de concordância entre o grupo nominal *o Partido Conservador* e o verbo *ampliar*, mas, principalmente, de acrescentar a essa relação outros vínculos que não podem ser expressos apenas pela morfologia verbal.

É notável que as relações entre as palavras vão se tornando cada vez mais complexas e estabelecendo uma rede de coesões ora semânticas, ora morfológicas, que dificilmente se deixam analisar independentemente. O uso do verbo *ampliar* acima, por exemplo, resulta de complexa formação de morfemas (*amplia+r*), de pessoa (3^apes.), número (sing.), tempo (passado), aspecto (imperf.), modo (*dever*), além de ser uma locução verbal; tudo isso para concordar com um grupo nominal (*o Partido Conservador*) que também se constitui de partes como essas.

Todas essas partes juntas formam outras partes que também se concatenam formando outras partes ainda maiores, cada qual exigindo seus próprios mecanismos de coesão. Alguns desses mecanismos, serão abordados na próxima apostila: as classes de palavras invariáveis, como *advérbio*, *conjunção*, *preposição* e a sintaxe frasal.

Atividades

1) Leia os textos abaixo e responda às questões.

Finalmente, a Firjan defende a imediata construção de uma refinaria para 220 mil barris por dia no norte fluminense. Alega que a inexistência dessa refinaria faz com que o Brasil tenha de **exportar** petróleo bruto e **importar** seus derivados, perdendo US\$ 5 por barril. (ALVES, M. *O Globo*.)

A peritonite [pode ser] provocada por substâncias vindas do **exterior** (no caso de ferimentos penetrantes) ou do **interior**, por contaminação com o conteúdo das vísceras (perfuração do estômago ou do intestino). (FERIMENTO de abdome. Disponível em: <www.rafe.com.br/sql_encyclopedia/>.)

Embora as palavras *exportar* e *importar*, no primeiro texto, e *exterior* e *interior* no segundo refiram ambientes diferentes, os prefixos *ex-* e *im-* têm a mesma significação. Discrimine os ambientes que são referidos por essas palavras, apontando as semelhanças de seus prefixos.

2) Leia os textos abaixo e responda às questões.

Dessa exploração resultará o reconhecimento de figuras **tridimensionais** (como cubos, paralelepípedos, esferas, cilindros, cones, pirâmides etc.) e **bidimensionais** (como quadrados, retângulos, círculos, triângulos, pentágonos etc.) e a identificação de suas propriedades. (*Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática*.)

Um dos principais ídolos do time do Parque São Jorge na última década, Marcelinho foi **tricampeão** paulista pelo clube (1995, 97 e 99), **bicampeão** brasi-

leiro (98 e 99), e conquistou a Copa do Brasil, em 95, e o Mundial de Clubes da Fifa, no início do ano passado. (*FolhaOnline*. 30 jan. 2001. Esportes.)

Na Bolsa de Tóquio, as ações da Toshiba fecharam em queda de 4,7%. As vendas do grupo no período recuaram para 2,511 **trilhões** de ienes (US\$ 20,49 **bilhões**), de 2,816 trilhões de ienes em igual período de 2000. (*Agência Estado*. Disponível em: <www.estadao.com.br>. 28 jan. 2001.)

Dali tombavam os mortos e os feridos, alguns até ao fundo da garganta, embaixo, por onde tinham entrado os sessenta homens do esquadrão de lanceiros e a divisão de artilharia, quebrando-se, ambos, de encontro a forte **trincheira** posta de uma e outra margem do rio, na **bifurcação** das duas bocainas, feito uma represa. (CUNHA, Euclides da. *Os sertões*.)

Nos textos acima, as palavras grifadas iniciam-se com as sequências *tri* e *bi*. Aponte os casos em que essas seqüências são morfemas em ambas as palavras de cada parágrafo, justificando as suas decisões.

3) Discuta a formação morfológica, se possível, das palavras grifadas abaixo, apontando-lhes a forma básica de que derivaram.

A memória, coitadinha, aos **pandarecos**, sobretudo para o presente e para os nomes. Além disto, uma certa angústia em relação a compromissos e coisas marcadas a fazer. Creio que muito disto é **velhice**, mas custa-me aceitar. Perdoe-me essa **choramingada**. (TEIXEIRA, Anísio. *Correspondências*.)

4) Tomando as palavras grifadas nos textos abaixo, aponte suas formas básicas e a sua morfologia derivacional.

Sempre evito ser veemente, **tribunícia**, altissonante, nas minhas reclamações, mas esse caso dos meninos de rua nos tira a todos da serenidade. (SUPLICY, Eduardo. *Discursos*. 1995.)

O atual Presidente foi Ministro da Fazenda, responsável pela política **creditícia** dos bancos oficiais. (SUPLICY, Eduardo. *Discursos*. 1995.)

O assunto da aposentadoria de ex-presidentes foi tratado pelo Senado Federal e foi aprovado que os ex-presidentes que tiverem completado o seu mandato farão jus a uma aposentadoria correspondente à remuneração de presidente, e de maneira **vitalícia**. (SUPLICY, Eduardo. *Discursos*. 1995.)

Coube ao agronegócio e à indústria **alimentícia** a vanguarda bem-sucedida da economia no ano passado. (LOBÃO, Edison. *Discursos*. 2002.)

5) Nos fragmentos de texto abaixo, localize os substantivos e defina gênero e número para cada, explicitando suas opções.

A razão, como a ciência, são apenas meios que ajudam nossas decisões se fizerem mais inteligentes. (TEIXEIRA, Anísio. *Correspondência*.)

Aproveite o calor para usar calças jeans leves e soltas. De dia, vista com tops e tênis. À noite, com blusas e sandálias altas. (*Revista Contigo*, 1 dez. 2001.)

6) Leia os textos abaixo, localize os substantivos e transcreva-os a eles e às palavras que concordam com eles, apontando-lhes gênero e número.

À hora em que vou chegando a casa, está o palhaço, e estão os seus companheiros refazendo as forças com o bife e o vinho da ceia, e rindo-se, ainda por cima, porque a férias foi boa. (ALMEIDA, Júlia. *Livro das donas e donzelas*.)

O meu Príncipe bebeu da água nevada e luzidia da fonte, regaladamente, com os beiços na bica; apeteceu a alface rechonchuda e crespa; e atirou pulos aos ramos altos dum copada cerejeira, toda carregada de cereja. (QUEIRÓS, Eça de. *As cidades e as serras*.)

7) Localize os substantivos no texto abaixo e transcreva-os, alterando-lhes gênero e número.

As velhas sorviam a pequenos goles pelos pires, escolhiam cuidadosamente as torradas; sentia-se o mastigar ruminado dos queixos; e por causa dos pingos da manteiga e das nódoas do chá, estendiam prudentemente os lenços sobre o regaço. (QUEIRÓS, Eça de. *O crime do padre Amaro*.)

8) Reescreva abaixo as palavras grifadas, alterando-lhes o número. Descreva variações apresentadas entre elas.

Não há nenhuma menção sobre a correção da tabela do **imposto** de renda nem sobre os **impostos** previstos pela Emenda Constitucional nº 31, que criou o Fundo de Combate à Pobreza. (GENOÍNO, José. *Diversos pronunciamentos e artigos*. 2001.)

Pequeno, já um tanto curvado, chupado de **rostto**, com um pince-nez azulado, todo ele traía a profissão, os seus **gostos** e hábitos. (BARRETO, Lima. *O triste fim de Policarpo Quaresma*.)

9) Justifique por que nas expressões *lanternas de luz vermelha* e *lanterna vermelha* o adjetivo *vermelha* ora concorda em número com o substantivo *lanterna*, ora não.

10) Leia o texto abaixo, e aponte as diferenças de sentido que se manifestam pelo uso do adjetivo *pobre* nas duas vezes em que aparece.

[...] o assassinato de um pobre velho, aleijado, inofensivo, pobre, a pauladas, faz parecer a toda a gente que há, soltos e esbarrando conosco nas ruas, nas praças, nos bondes, nas lojas, nos trens, matadores, que só o são por prazer de matar, sem nenhum interesse e sem nenhuma causa. (BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*.)

11) Comente a formação do número nos adjetivos correspondentes à cor dos olhos.

Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos [...] (ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*.)

O Dick! Ela tem um nariz levantado,
Os olhos verdinhos bastante puxados

Cabelo castanho e uma pinta do lado? (JOBIM, Tom; BLANCO, Billy. *Teresa da praia*.)

12) Os termos *sangüínea* e *laranja* relacionam-se a tipos de frutas. Foram usados para caracterizar o substantivo *nuvens*. Descreva como foi feita essa caracterização e por que não foi feita concordância com o termo a que se relacionam.

Do lado das colinas ia subindo um crepúsculo esfumado, e as nuvens cor de sangüínea e cor de laranja que anunciam o calor faziam, sobre os lados do mar, uma decoração muito rica. (QUEIRÓS, Eça de. *O crime do padre Amaro*.)

13) No texto abaixo, o autor descreve a diferença entre duas chapelarias. Indique os elementos lingüísticos que ele usou para mostrar essa diferença.

Um chapeleiro passa por uma loja de chapéus; é a loja de um rival, que a abriu há dois anos; tinha então duas portas, hoje tem quatro; promete ter seis e oito. Nas vidraças ostentam-se os chapéus do rival; pelas portas entram os fregueses do rival; o chapeleiro compara aquela loja com a sua, que é mais antiga e tem só duas portas, e aqueles chapéus com os seus, menos buscados, ainda que de igual preço. (ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.)

14) Comente a concordância dos numerais abaixo, apontando os substantivos com os quais se relacionam.

Perturbavam-se-lhes, então, as vistas, no emaranhado dos casebres, esbatidos embaixo. E contavam: uma, duas, três, quatro mil, cinco mil casas! Cinco mil casas ou mais! Seis mil casas, talvez! Quinze ou vinte mil almas — encafurnadas naquela tapera babilônica [...] (CUNHA, Euclides da. *Os sertões*.)

15) Seqüências numéricas podem ser usadas para expressar gradação de valores. Essa parece ter sido a tentativa que vai descrita no texto abaixo. Indique o recurso lingüístico que o autor utilizou para propor essa gradação.

Eu acredito que o melhor é disputar posição ímpar. Já que não podemos ser campeões, o quinto é melhor que o sexto, o sétimo é melhor que o oitavo, o 11º é melhor que o 12º. (O jogador Juninho. *Folha de S. Paulo*. 6 dez. 2003.)

16) No texto abaixo, qual foi o recurso lingüístico usado pelo autor para caracterizar o olhar por meio de óculos, ou *pince-nez*, de Dona Sebastiana?

— Por que não advoga? perguntou Dona Sebastiana, rindo, com seu quádruplo olhar altaneiro, da filha ao caboclo que, na sua frente e a seu mando, se sentavam juntos. (BARRETO, Lima. *Milagre de Natal*.)

17) Nos grupos nominais abaixo indique o termo com os quais os artigos se relacionam.

— Pobre animal! pobre animal! — dizia o Borges, fechando-se no quarto. — Como tudo se vai transformando em minha vida! Já não possuo os meus dois melhores amigos, os únicos que me restavam: o Barroso e o Urso! (AZEVEDO, Aluísio. *Filomena Borges*.)

18) Nos textos abaixo, os artigos estão ora na forma masculina ora na feminina. Justifique essa variação.

Estiveram presentes nesta grande prova, todos **os melhores ginastas** nacionais. (*Jornal Torrejano*. Disponível em: <www.jornaltorrejano.pt>. Acesso em: 3 mai. 2003.)

A ginasta, medalha de ouro no solo no Mundial de Anaheim, deve participar da Copa Americana, evento que reúne **as melhores ginastas** do continente. (*Folha de S. Paulo*. 7 dez. 2003. Caderno Esportes.)

19) No trecho da peça que vai transcrito abaixo, cada uma das personagens usa de uma forma pronominal diferente da outra para referir-se ao outro e, também, a si próprio. Mostre essas diferenças.

GUSTAVO — Ora! Saber para quê? Que remédio podes dar-me? O que eu quero é dinheiro! É de dinheiro que eu preciso! Tu o tens para mo emprestar?

LOURENÇO (*Tirando do bolso, dinheiro embrulhado num lenço sujo.*) — Aqui estão minhas economias, juntadas vintém por vintém... Se vossemecê precisa, Lourenço faz muito gosto... (AZEVEDO, Artur; DUARTE, Urbano. *O escravocrata*.)

20) Leia o texto abaixo e diga qual é a proximidade dos cortes a que refere a moça.

A moça reclamava:

— Mamãe! Escolha; qual é mais bonito, este corte cinzento ou aquele branco e preto? (ALMEIDA, Júlia. *A viúva Simões*.)

21) Os pronomes indefinidos *alguém* e *ninguém* têm valores diferentes quanto à existência ou não de uma pessoa referida. Tomando o exemplo abaixo, mostre como se dá essa variação de presença referida por ambos os pronomes.

Aos seus exames ninguém assistia, nem por eles alguém se interessava; contudo, foi sempre regularmente aprovado. (BARRETO, Lima. *O filho de Gabriela*.)

22) Nos fragmentos abaixo, a palavra *senhor* é usada distintamente. Diga como é esse uso em cada um dos casos.

O trabalho é o **senhor** dos homens livres. (AZEVEDO, Aluísio. *A condessa de Vésper*.)

Sr. Albuquerque, penso que poeta aqui é o **senhor**... (BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*.)

23) Nos textos abaixo, os verbos *ir* e *falar* apresentam características bastante distintas. Aponte, por um lado, a diferença entre os usos de *falar* e, por outro, entre os usos de *ir*.

Pelo sim pelo não, Fernando Henrique armou seu esquema: vai falar por último e dar o troco, se preciso for. (CHAGAS, H. *O Globo*.)

Itamar afirmou que só falará com jornalistas após a reunião do Diretório. (*O Globo On-line*. 5 dez. 2001.)

Daí a instantes, aproximou-se da porta a carrocinha que vai ao mercado. (BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.)

24) O uso de diferentes modos verbais produz uma variação de sentido quanto à participação do sujeito na ação descrita pelo verbo. Mostre essa variação tomando os exemplos abaixo: *queriam ver* e *quisessem ver*.

Encheram-se as janelas de curiosos que *queriam ver* a criança. (CAMINHA, Adolfo. *Tentação no país dos ianques*.)

Sarney procurou demonstrar isenção no processo, mas partiu dele o aviso de que algo teria de ser feito pelos líderes caso não *quisessem ver* a CPI instalada, pois ele não assumiria o ônus sozinho. (*Primeira leitura*. Disponível em: <www.primeiraleitura.com.br>. 6 mar. 2004.)

Sugestões de leitura

Para uma leitura complementar, há algumas obras que devem ser referidas; são as que vão abaixo. No entanto, há que referir-se também os dicionários e gramáticas da língua portuguesa: o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, editado pelo Instituto Antônio Houaiss, o *Novo Aurélio, século XXI*, editado pela Melhoramentos, e o *Michaelis, moderno dicionário da língua portuguesa*, editado pela Nova Fronteira, são os mais completos que estão disponíveis nas bibliotecas de maneira geral. É importante acostumar-se a consultar as obras que fogem dos resumos, ainda que tenham um acesso mais difícil. Dentre as gramáticas, há que citar a *Nova gramática portuguesa* de Celso Cunha e Lindley Cintra, a *Moderna gramática brasileira* de Celso Pedro Luft, e a *Moderna gramática portuguesa* de Evanildo Bechara, tanto na 37ª ed., que foi revista e ampliada, editada pela Lucerna, quanto nas anteriores a essa, editadas pela Companhia Nacional. Como obras de referência, ainda há os dicionários de regência nominal e verbal, de Celso Pedro Luft, ambos editados pela Ática, bem como o *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos* e o *Dicionário de verbos e regimes*, ambos de Francisco Fernandes, editados pela Globo.

Não se deve fiar, entretanto, somente nas leituras de referência, pois essas estarão dependendo especialmente da capacidade de memorização. Deve-se enfatizar a leitura de obras diversas, sobretudo aquelas cujos autores mostrem uma preocupação com o uso da linguagem para além de seu uso corriqueiro. Assim, tanto obras literárias quanto científicas serão proveitosas quando forem frequentes e resultarem de um trabalho cuidadoso.

Bibliografia

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.
- BACCEGA, Maria Aparecida. *Concordância verbal*. São Paulo: Ática, 1994.
- COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1990.
- ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto/Educ, 1997.
- SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor/Ícone, 1988.
- VIARO, Mário Eduardo. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2004.